

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Amanda Glatzi Gerheim

**Alfabetização de crianças com dislexia: a produção de um jogo didático
para o desenvolvimento da consciência fonológica**

Juiz de Fora
2025

Amanda Glatzi Gerheim

**Alfabetização de crianças com dislexia: a produção de um jogo didático
para o desenvolvimento da consciência fonológica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação do Prof. Dr. Juliano Guerra Rocha.

Juiz de Fora/MG, 12 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juliano Guerra Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora
Orientador

Profa. Dra. Andreia Alvim Belloti
Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Elizangela Glatzl, que nunca mediu esforços para que eu realizasse meus sonhos, fazendo tudo o que estava ao seu alcance para que isso se concretizasse. Obrigada por acreditar em mim e por fazer de tudo, todos os dias, para me ver feliz, independentemente das dificuldades.

Agradeço ao meu pai, Sérgio Gerheim, e à Lisa Ribeiro, que sempre torceram pelo meu sucesso e sei o quanto se orgulham dessa conquista. Obrigada por toda ajuda e pelo ótimos momentos juntos.

À minha avó materna, Elizabeth Maria Glatzl, que infelizmente não está mais entre nós, mas cuja presença permanece viva em meu coração. Sei que, se estivesse aqui, seria a pessoa que mais se orgulharia deste momento, pois sempre acreditou em mim e me inspirou desde a minha infância.

Ao meu tio, Luiz Afonso Glatzl Jr., por ser um exemplo e me apoiar ao longo de toda minha vida. Ao meu padrinho, Fabiano Glatzl e à minha prima, Thaís Glatzl, que cresceu comigo e sempre será minha grande amiga.

Às minhas tias, Mônica, Silvia e Esméria Soares, que também foram uma inspiração para que eu seguisse o caminho da docência e sempre me apoiaram.

Aos meus avós paternos, Amélia e José Soares, e ao meu avô materno, Luiz Afonso Glatzl, sou muito grata por ter tido avós tão atenciosos quanto vocês.

Ao meu namorado, Tiago Falcão, que esteve ao meu lado desde o início dessa jornada e nunca soltou minha mão. Obrigada pelo companheirismo em todos os momentos.

Às minhas amigas, Josiane Nogueira, Isabela Cobucci e Ellen Esteves, que, graças à faculdade, tive a oportunidade de conhecer. Vocês tornaram os momentos difíceis mais fáceis de suportar. E às minhas antigas amigas de escola, Letícia de Paula e Victória Penna, que também estiveram comigo em tantos momentos.

Ao meu orientador e professor, Juliano Rocha, por ser sempre tão atencioso e dedicado, e por nos fazer acreditar que escrever um TCC não é o bicho de sete cabeças, como todos falam. Com toda certeza, você tornou esse processo muito mais gratificante e prazeroso.

E, por fim, aos demais professores e colegas da UFJF, que contribuíram direta ou indiretamente para que essa conquista fosse possível.

Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar quais estratégias pedagógicas são recomendadas para a alfabetização de crianças com dislexia, sugerindo a criação de um jogo didático para contribuir nesse processo. Por meio de uma revisão de literatura, o Trabalho de Conclusão de Curso discutiu o conceito de dislexia e os procedimentos para seu diagnóstico. Em seguida, apresentou um levantamento sobre as pesquisas relacionadas à alfabetização desse público e à atuação do alfabetizador. Dentre os encaminhamentos metodológicos abordados, verificou-se que os estudos indicavam intervenções focadas no desenvolvimento da consciência fonológica. Com base nessa fundamentação teórica, especialmente nos trabalhos de Artur Gomes de Morais, foi elaborado o jogo “Trilha da Sílabas Iniciais”, voltado ao nível da consciência silábica. O estudo buscou, assim, contribuir para a formação de professores alfabetizadores e a implementação de metodologias que atendessem às necessidades de estudantes com dislexia, promovendo seu desenvolvimento integral por meio de práticas pedagógicas acessíveis.

Palavras-chave: Alfabetização; dislexia; jogos de consciência fonológica.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| Imagem 1 – Bingo dos sons iniciais da Caixa CEEL/UFPE | 29 |
| Imagem 2 – “Caça-rimas” da Caixa CEEL/UFPE..... | 30 |
| Imagem 3 – Tabuleiro do jogo “Trilha da sílaba inicial..... | 42 |
| Imagem 4 – Cartas com a borda verde do jogo “Trilha da sílaba inicial”..... | 42 |
| Imagem 5 – Cartas com a borda vermelha do jogo “Trilha da sílaba inicial..... | 43 |
| Imagem 6 – Cartas com a borda preta do jogo “Trilha da sílaba inicial”..... | 43 |
| Imagem 7 – Dado adaptado para o jogo “Trilha da sílaba inicial”..... | 44 |
| Imagem 8 – Regras do jogo “Trilha da sílaba inicial..... | 45 |
| Imagem 9 – Banco de imagens do jogo “Trilha da sílaba inicial” | 46 |
| Imagem 10 – QR code..... | 48 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Pesquisas sobre alfabetização de crianças com dislexia, por ano e grau do trabalho..... | 20 |
| Gráfico 2 – Pesquisas sobre alfabetização de crianças com dislexia, por campo de estudo..... | 21 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Estratégias para atuação pedagógicas com estudantes com dislexia..... | 31 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. A CRIANÇA COM DISLEXIA: ATUAÇÕES DA ESFERA ESCOLAR | 12 |
| 1.1 Dislexia: conceituação e diagnóstico | 12 |
| 1.2 O que as pesquisas apontam sobre a questão da dislexia na alfabetização de crianças? | 20 |
| 1.3 Atuação do alfabetizador com crianças com dislexia | 26 |
| 2. JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO AUXÍLIO DA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DISLEXIA | 37 |
| 2.1 Jogos de Consciência Fonológica na alfabetização de crianças com dislexia | 37 |
| 2.2 Apresentação do jogo didático | 41 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| REFERÊNCIAS | 52 |
| APÊNDICE: JOGO PARA IMPRESSÃO | 55 |

INTRODUÇÃO

A dislexia é um transtorno de aprendizagem comum que afeta uma parcela significativa da população brasileira, impactando no processo de escolarização, principalmente durante a alfabetização. Esse transtorno é caracterizado por dificuldades persistentes na identificação e associação de sons a letras, e com isso, pode comprometer o desenvolvimento da leitura e da escrita, tornando essencial a adoção de estratégias pedagógicas adequadas para atender às necessidades desses alunos. E, mesmo que tenham surgido avanços significativos na compreensão da dislexia, muitos professores ainda enfrentam desafios e inseguranças a respeito de como tornar suas práticas pedagógicas acessíveis para atender às demandas específicas dessas crianças.

Entretanto, nem todas as crianças conseguem um diagnóstico precoce e, conseqüentemente, não recebem os encaminhamentos pedagógicos mais adequados para aprender com mais facilidade. Isso ocorre, em grande parte, devido à falta de conhecimento sobre o transtorno, visto que as informações e pesquisas sobre o tema não são amplamente divulgadas e de fácil acesso. Como resultado, famílias e professores, na maioria das vezes, ficam sem orientações claras sobre como identificar os sinais da dislexia e quais estratégias adotar para auxiliar no desenvolvimento da criança. Essa ausência de informações acessíveis compromete o diagnóstico precoce e dificulta a implementação de práticas pedagógicas inclusivas, resultando em desafios ainda maiores para a aprendizagem. Sem o devido suporte, muitas crianças enfrentam dificuldades persistentes ao longo da escolarização, o que pode levar a problemas de autoestima e insegurança, prejudicando não apenas seu desempenho acadêmico, mas também seu desenvolvimento emocional e social.

Diante desse contexto, surge a seguinte problematização: quais estratégias pedagógicas específicas são utilizadas no processo de alfabetização de crianças com dislexia? E quais jogos são indicados para auxiliar nesse processo? Essas questões se tornam fundamentais para a compreensão da realidade educacional dentro das salas de aula e para o aprimoramento e divulgação de recursos pedagógicos como suporte no processo de ensino e aprendizagem de alunos com dislexia.

A alfabetização, sendo um direito fundamental de todos os indivíduos, constitui a base para o desenvolvimento educacional, social e profissional ao longo da vida. Garantir que todas as crianças tenham acesso a um ensino de qualidade, independentemente de suas dificuldades ou condições, é primordial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. No entanto, embora a alfabetização seja um direito universal, muitas barreiras ainda dificultam sua plena efetivação. Crianças com dificuldades ou transtornos de aprendizagem, como a dislexia, frequentemente enfrentam desafios adicionais para desenvolver habilidades de leitura e escrita.

Segundo a Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021, os alunos com dislexia ou outros transtornos possuem seus direitos assegurados por lei, sendo eles: o dever do poder público de implementar e manter um programa de acompanhamento integral para estudantes com dislexia ou outros transtornos de aprendizagem. Esse acompanhamento abrange a identificação precoce, encaminhamento para diagnóstico, suporte educacional e apoio terapêutico especializado. Além disso, as escolas de educação básica, tanto públicas quanto privadas, devem assegurar, com o apoio da família e dos serviços de saúde, o cuidado e a proteção desses estudantes, visando seu desenvolvimento integral com o auxílio das redes de proteção social disponíveis. A legislação também estabelece que estudantes com dificuldades na leitura, escrita ou atenção devem receber acompanhamento específico na escola o mais cedo possível, contando com suporte das áreas de saúde, assistência social e outras políticas públicas. Sendo assim, essa lei tem como foco garantir que esses estudantes possam acessar o conteúdo escolar de maneira adequada, contando com a colaboração de profissionais especializados e com a articulação entre escola e família, a fim de proporcionar um acompanhamento contínuo e direcionado às necessidades desses alunos.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar quais estratégias pedagógicas são indicadas na alfabetização de crianças com dislexia, sugerindo a confecção de um jogo didático para contribuir nesse processo. E como objetivos específicos, o trabalho apresenta: compreender o que é a dislexia e quais os seus impactos no processo de aprendizagem das crianças; analisar quais estratégias o professor pode inserir na rotina pedagógica para contemplar as crianças com dislexia; debater sobre a importância dos jogos de consciência

fonológica para os estudantes com dislexia; e apresentar um jogo didático autoral para o desenvolvimento da consciência fonológica.

A investigação se justifica tanto no âmbito acadêmico quanto no social. Do ponto de vista acadêmico, há uma necessidade crescente de ampliar os estudos sobre dislexia e materiais didáticos que favoreçam o aprendizado dessas crianças, promovendo o aperfeiçoamento da formação docente e o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas. No campo social, este estudo se faz relevante por contribuir para a construção de um ambiente escolar mais acessível e democrático, em que todos os alunos, com as suas diferenças humanas, possam desenvolver plenamente suas capacidades.

Para facilitar o acesso ao jogo, foi disponibilizado um QR code, vinculado a uma pasta de acesso livre. Dessa forma, os professores podem utilizar o material de maneira descomplicada, realizando as adaptações necessárias conforme suas necessidades pedagógicas. O código pode ser encontrado no Capítulo 2, seção 2.2: Apresentação de um jogo didático.

Logo, torna-se essencial que as escolas adotem abordagens pedagógicas diferenciadas, baseadas em práticas inclusivas que atendam às necessidades de toda a turma. Da mesma forma, é fundamental que as famílias acompanhem de perto a vida escolar das crianças, estabelecendo uma parceria com a escola para fortalecer o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, é mister destacar que a alfabetização de crianças com dislexia requer um olhar pedagógico que vá além da simples transmissão de conteúdos, exigindo metodologias que estimulem a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Como afirma Paulo Freire, "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 2021, p. 47). O educador, assim, deve ser um mediador de conhecimento, trazendo os conteúdos e deixando que as crianças desenvolvam o senso crítico, criativo e reflexivo.

Por fim, é fundamental destacar a oferta limitada de materiais pedagógicos específicos para o trabalho com crianças com dislexia. A escassez de recursos acessíveis e a pouca disseminação de informações sobre estratégias eficazes dificultam ainda mais o trabalho dos educadores e o progresso dos alunos. Destarte, a criação de um recurso pedagógico específico, como um jogo didático, pode contribuir significativamente para tornar o processo de alfabetização mais dinâmico e

acessível, potencializando as habilidades de leitura e escrita das crianças com dislexia de maneira lúdica e inclusiva.

Sendo assim, o trabalho será organizado em duas seções subsequentes a esta introdução. A primeira, intitulada “A criança com dislexia: atuações da esfera escolar”, está dividida em três tópicos. Essa seção aborda os conceitos e o diagnóstico da dislexia, apresentando uma revisão teórica sobre o tema, com ênfase no papel do professor e nas estratégias pedagógicas para atuar em sala de aula com alunos disléxicos. Já a segunda seção, intitulada “Jogos de consciência fonológica no auxílio da alfabetização de crianças com dislexia”, está estruturada em dois tópicos. Neles, são exploradas a importância dos jogos de consciência fonológica no processo de alfabetização e a criação do recurso didático, incluindo suas regras e sugestões de uso para os professores.

1. A CRIANÇA COM DISLEXIA: ATUAÇÕES DA ESFERA ESCOLAR

Nesta seção, são apresentados os conceitos e definições relacionados à dislexia, que ajudam na compreensão desse transtorno de aprendizagem de maneira mais ampla. Também é discutido o processo de diagnóstico, destacando os critérios utilizados para identificar a dislexia e como esse diagnóstico pode ser realizado de forma precoce, garantindo uma intervenção mais efetiva. Além disso, são exploradas as contribuições de pesquisas que abordam a relação entre dislexia e alfabetização. Por fim, esta seção aborda o papel do professor dentro da sala de aula, enfatizando estratégias e metodologias que podem ser aplicadas para promover uma educação inclusiva. São apresentadas orientações sobre como criar um ambiente acolhedor, implementando algumas intervenções específicas e sobre como trabalhar em parceria com a família e outros profissionais para favorecer o desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos com dislexia.

1.1 Dislexia: conceituação e diagnóstico

Segundo dados da Associação Brasileira de Dislexia¹ (ABD), aproximadamente 15% da população mundial possui dislexia. Este transtorno de aprendizagem se caracteriza por dificuldades na leitura e escrita, podendo variar em níveis, conforme algumas literaturas da área médica apontam. Marília Piazzzi Seno (2020) citando a *International Dyslexia Association*² (IDA) ressalta que:

A dislexia é um distúrbio específico de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada por dificuldades no reconhecimento preciso e/ou fluente de palavras e por alteração na capacidade ortográfica e de decodificação (International Dyslexia Association, 2017, p. 4 *apud* Seno, 2020, p. 26).

Aprender a ler e a escrever é algo complexo, que demanda diversas habilidades específicas, e por isso, desde a educação infantil, a criança passa por processos que a auxiliam para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Nesse sentido, a dislexia, por se tratar de um transtorno que compromete a aprendizagem da leitura e da escrita, pode ser mais facilmente observada durante os anos iniciais de escolarização da criança, com um destaque para a fase de alfabetização.

Conforme Marina Melo Pedroza (2021) manifesta, durante o primeiro ano de vida da criança, a sua interação com as pessoas ao seu redor possui um papel essencial na maneira como ela percebe e reproduz os sons da sua língua materna. Assim, esse processo influencia no desenvolvimento da fala, e conseqüentemente na aprendizagem da leitura, pois a criança precisa ser capaz de reconhecer os sons das letras e combiná-los para formar palavras. À medida que a criança avança no processo de aprendizagem da leitura, é necessário desenvolver também a habilidade de agrupar as letras em unidades maiores, como sílabas e palavras, para alcançar fluência na leitura, permitindo que ela passe da fase de decodificação das palavras para uma compreensão mais aprofundada do texto. Contudo, algumas crianças podem apresentar dificuldades, demandando uma atenção especial. A autora ainda ressalta que a criança que está no processo de alfabetização utiliza o sistema fonológico para decodificar as palavras novas ou as irregulares, e aos poucos, o cérebro reconhece esses padrões ortográficos de maneira mais rápida.

¹ Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/> Acesso em: 30 de março de 2024.

² Disponível em: <https://dyslexiaida.org/>. Acesso em: 30 de março de 2024.

“Quando o leitor se torna fluente, a decodificação fonológica se torna opcional, pois nesta etapa o leitor utiliza automaticamente a segunda via, que colabora para a decodificação semântica” (Pedroza, 2021, p. 21). A segunda via mencionada por Pedroza refere-se à teoria da dupla rota de leitura. Essa teoria apresenta dois processos distintos durante a fase de alfabetização: a rota fonológica, que consiste na decodificação fonética das palavras (grafema/fonema), e a rota lexical, que envolve o conhecimento ortográfico prévio das palavras, sem precisar da decodificação fonética (Pinheiro; Lucio; Silva, 2008).

Sendo assim, as crianças com dislexia apresentam dificuldades “no processamento de fonemas e consciência fonêmica”. Elas “adquirem uma representação imperfeita dos fonemas de sua língua, o que produz uma imprecisão na representação das palavras faladas e atrapalha a organização dos signos escritos” (Pedroza, 2021, p. 24).

De acordo com Renata Mousinho (2010), a criança com dislexia pode apresentar alguns indicadores do transtorno, como: atraso no desenvolvimento da linguagem, dificuldades para nomear objetos ou conceitos, aprender músicas com rimas e uma fala que permanece infantilizada ou com palavras mal pronunciadas. Há desafios em aprender e lembrar os nomes das letras, bem como em compreender que as palavras podem ser segmentadas em sílabas e sons, resultando em dificuldades no processo de alfabetização. É perceptível também, leitura com esforço e com pouca fluência oral, além de tropeços ao ler palavras desconhecidas ou muito longas, tentar adivinhar palavras e dependência do contexto para conseguir compreender o texto. Ao longo da escolaridade podem surgir outros indícios, entre eles, a criança não conseguir entender o enunciado de atividades de outras disciplinas, prejudicando o rendimento, dificuldade em ler legendas, substituição de palavras do mesmo campo semântico, confundir palavras que têm aproximação lexical e dificuldade em aprender outros idiomas.

Além disso, podem ocorrer alterações específicas na escrita, que Mousinho destaca:

Omissões, trocas, inversões de grafemas – (surdo/sonoro: p/b,t/d, k/g, f/v, s/z, x/j; em sílabas complexas: paria ao invés de praia, trita ao invés de trinta) e outros desvios fonológicos; dificuldade na expressão por meio da escrita; dificuldades na concordância (sem que apresente oralmente); dificuldade na organização e elaboração de textos escritos; dificuldades em escrever palavras irregulares (sem

correspondência direta entre grafema e fonema – “dificuldades ortográficas”) (Mousinho, 2010, p.12).

Segundo a literatura do tema, os três tipos mais comuns de dislexia são a visual, a auditiva e a mista. A dislexia do tipo visual, conforme Magno Alexon Bezerra Seabra (2020), se caracteriza principalmente pelas dificuldades na percepção e na visualização das palavras (Seabra, 2020, p. 11). Com isso, é comum que a criança interprete de maneira equivocada o que lê.

Já a dislexia auditiva, se manifesta na dificuldade de relacionar fonema com grafema, pode ser causada por um possível déficit no processamento fonológico ou no processamento central. É necessário, no trabalho dentro de sala, que o professor consiga investir em recursos visuais e evite usar palavras diferentes do que a criança já conhece, que não estão na rotina e que introduzam vocabulários gradualmente. (Seabra, 2020)

Por fim, a dislexia mista consiste na dificuldade tanto em níveis visuais quanto em níveis auditivos. Seabra (2020) ainda destaca que é crucial que os profissionais se apoiem tanto em recursos visuais quanto em recursos auditivos no processo de ensino e aprendizagem de crianças que apresentam esse tipo de dislexia.

Ademais, é preciso ressaltar que a dislexia, por ser um transtorno específico de aprendizagem, não deve ser confundida com as dificuldades na aprendizagem. De acordo com Celeste Maria Bezerra Malaquias *et al.* (2024),

Neste entendimento, as dificuldades de aprendizagem não afetam a capacidade geral do aluno de aprender, mas podem exigir orientação e recursos adicionais para o desenvolvimento das habilidades. Já um transtorno de aprendizagem é um problema neurológico que afeta as habilidades de informações do cérebro, o que pode dificultar a aprendizagem em várias áreas. Transtornos de aprendizagem, geralmente, têm um impacto significativo sobre a capacidade de uma pessoa realizar tarefas acadêmicas em níveis adequados à faixa etária e habilidade (Malaquias *et al.*, 2024, p. 224).

A dificuldade de aprendizagem está relacionada com fatores externos, que podem ser temporários, e por isso, podem necessitar de estratégias e recursos específicos para a criança. Nessa linha de pensamento, Queli Ghilardi Cancian (2019) ressalta que:

Geralmente a dificuldade de aprendizado é causada por algum acontecimento ou situação frustrante, como a mudança de escola, troca de professor, chegada de um irmão, óbito de um familiar próximo, desentendimentos familiares, separação dos pais entre

outros, de modo que se torna necessário pesquisar os motivos que influenciam negativamente o desempenho da criança (Cancian, 2019, p. 3).

Um aluno que enfrenta algum tipo de dificuldade de aprendizagem não necessariamente possui algum transtorno de aprendizagem. Frequentemente, a criança passa por mudanças em sua rotina, como as que foram citadas acima, podendo influenciar seu rendimento na escola, mas, com o apoio dos professores e da família, pode ser contornado. Já um transtorno de aprendizagem corresponde a uma alteração neurobiológica, dificultando a aprendizagem em diversas áreas da vida pessoal do indivíduo.

Os transtornos de aprendizagem podem se manifestar de diversas formas, como dificuldades na leitura, na escrita, raciocínio e entre outros. De acordo com Sônia Maria Pallaoro Moojen *et al.* (2016), a dislexia é um transtorno que pode ter tendências genéticas e é de origem neurobiológica. A autora esclarece que o conceito de dislexia sofreu transformações ao longo dos últimos anos. Uma das principais mudanças diz respeito ao uso de expressões como “dificuldades” e “distúrbios de aprendizagem”, que eram frequentemente empregadas antes da consolidação do termo “transtorno”.

O diagnóstico desses transtornos de aprendizagem necessita de um trabalho conjunto da escola e da família, e é essencial que estejam atentos a qualquer sinal que a criança apresente. Segundo Moojen *et al.* (2016), constantemente, os transtornos de aprendizagem são identificados somente quando as demandas acadêmicas se tornam mais complexas e evidenciam as dificuldades da criança. Por isso, é fundamental que professores e pais estejam atentos aos sinais manifestados pela criança desde cedo, para que possam ser detectados precocemente. Logo, é possível promover o suporte e o tratamento adequado desde o início de seus anos escolares.

Infelizmente, mesmo apresentando uma diferença notável, é comum que a dislexia seja confundida com alguma dificuldade de aprendizagem, levando à negligência da escola em relação ao aluno. Dessa maneira, não se considera a possibilidade de a criança apresentar um transtorno, que demanda intervenções específicas.

Conforme a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) aponta, o diagnóstico da dislexia é realizado por uma equipe profissional multidisciplinar composta por

psicólogos, neuropsicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e médicos, como, pediatra, neuropediatra, neurologista e/ou psiquiatra. Esse diagnóstico considera uma série de habilidades relacionadas à consciência fonológica, memória fonológica, associação fonema-grafema, decodificação, leitura oral fluente, compreensão leitora, soletração, ortografia e escrita. A ABD ainda explicita que são realizadas, inicialmente, entrevistas com os adultos ou os responsáveis dos menores de 18 anos, para identificar os principais sinais observados de um possível transtorno. A partir disso, se o caso for suscetível de ser estudado, são agendadas sessões com a equipe multidisciplinar e alguns exames são solicitados. Contudo, somente após uma análise minuciosa de todos os sintomas, o diagnóstico é concluído.

Constantemente, quando a criança enfrenta dificuldades no processo de alfabetização, é instantaneamente “rotulada” como atrasada, preguiçosa, desatenta e desinteressada. Todavia, quando o aluno começa com sinais, como, trocas de palavras na fala, dificuldade de representar corretamente os sons, as rimas e aliterações, torna-se evidente que se trata de um caso que merece estudo e análise. Dessa forma, uma vez que essa hipótese não seja mediada e o diagnóstico não seja realizado, por consequência, no futuro, essas pessoas podem enfrentar dificuldades acadêmicas, como repetências e notas baixas, ansiedade, baixa autoestima, problemas emocionais e falta de organização de tempo e de atividades cotidianas. Moojen *et al.* (2016), ressalta que, no Brasil, o número de disléxicos que chegam até a Universidade é reduzido, mesmo que venha crescendo em comparação com os últimos anos, em decorrência das adaptações feitas em processos seletivos e concursos. “São oferecidos leitores e escritores para o momento da prova e um tempo maior para a sua realização” (Moojen *et al.*, 2016, p. 57).

Segundo Maria de Lurdes Gonçalves de Carvalho Nunes (2016), as crianças com dislexia enfrentam diariamente o sentimento de fracasso, mesmo com o seu esforço constante. Isso pode causar marcas emocionais profundas para vários aspectos de suas vidas. Alguns estudos evidenciam que esses alunos, frequentemente, enfrentam dificuldades no relacionamento interpessoal, possuem baixa tolerância à frustração e encontram dificuldades no controle de impulsos e no comportamento.

Com isso, é necessário que o professor esteja atento aos comportamentos dos alunos e nos possíveis sintomas deste transtorno, para que o diagnóstico seja feito o mais rápido possível e pelos profissionais adequados.

Nesse contexto, é fundamental compreender que a criança com dislexia demanda uma atenção especializada e estratégias pedagógicas específicas. A fase da alfabetização, por ser um processo gradativo e complexo, exige estudo constante por parte dos docentes, os quais precisam ser receptivos a novas abordagens.

O papel do professor é primordial para a identificação precoce dos primeiros sinais da dislexia. Conseqüentemente, é importante que tenha um conhecimento prévio sobre o transtorno. A respeito disso, Elisiana Pain dos Santos *et al.* (2020) destaca que:

Grande parte das dificuldades escolares podem ser amenizadas quando os profissionais da educação têm formação adequada para percebê-las. O professor, como mediador do conhecimento, é uma peça fundamental para a aprendizagem escolar dos alunos. Desse modo, precisa estar atento às necessidades do público atendido, suas particularidades e necessidades. Deve-se considerar que, muitas vezes, a primeira pessoa a suspeitar dos transtornos de aprendizagem, tais como a dislexia, é o professor ao observar os comportamentos em sala de aula (Santos *et al.*, 2020, p. 2).

Entretanto, para que o professor possa reconhecer esses sintomas, é imprescindível que ele compreenda o que é a dislexia, seus efeitos e como intervir. Como mencionado anteriormente, a dislexia pode afetar principalmente as habilidades de leitura e escrita, manifestando-se de diversas formas ao longo do desenvolvimento da criança,

Ao perceber os sintomas, por ser um momento delicado, o professor deve ser cauteloso e saber a melhor maneira de conversar com a família. Sobre isso, Maria Gabriela Valente Pinto da Gama (2013) manifesta que as crianças com dislexia aprendem com um ritmo diferente e também com estratégias variadas. Dessa forma, é necessário que o educador acompanhe o processo, que saiba o momento de intervir e ajudar a criança, e que a motive a ser protagonista de sua jornada escolar. Nesse aspecto, Gama (2013) ainda analisa que o professor precisa estar preparado e saber:

[...] quais são os profissionais preparados para realizar um diagnóstico, como proceder, como trabalhar com estas crianças e quais as estratégias e recursos que estão disponíveis para a realização de um trabalho eficaz com alunos disléxicos (Gama, 2013, p. 86).

Destarte, o educador tem um papel de extrema importância na autoestima do aluno, sendo o responsável tanto por impactos negativos quanto positivos. Por

exemplo, no caso da criança com dislexia, se a intervenção não for feita de maneira adequada pelo professor, pode trazer impactos emocionais, sociais e acadêmicos para ela. Clélia Argolo Estill (2004) esclarece que:

O professor tem um papel importante e essencial neste momento, pois cabe a ele, percebendo as dificuldades desta criança, ajudar e incentivar este aluno, de modo que ele desperte como um leitor e não adormeça como alguém que fracassou, refugiando-se num falso sono, confundido com desinteresse, descaso, incompetência, irresponsabilidade, falta de atenção, falta de cuidados da família, e por aí seguem os “rótulos” que as pessoas vão agregando ao nome próprio desta criança (Estill, 2004, p. 63).

Uma das dificuldades do professor em reconhecer os sintomas da dislexia, é a defasagem de conteúdos sobre os transtornos de aprendizagem em sua formação. Nos cursos de licenciatura, é comum que os acadêmicos não tenham disciplinas específicas sobre esse tema. Por consequência, os profissionais se formam sem ter os conhecimentos necessários para lidar com esse tipo de situação na sala de aula. As universidades, em sua maioria, não trazem discussões e não promovem estudos sobre a dislexia, especificamente. Outrossim, muitos professores não reconhecem sintomas básicos pela falta de conhecimento, em função da falha de sua formação.

Os professores aptos a terem esse olhar mais observador em relação aos alunos com possíveis transtornos são aqueles que procuraram estudos e formações continuadas específicas após sua graduação.

À vista disso, é importante que os professores procurem informações em fontes confiáveis sobre a dislexia, para que saibam identificar os sinais precocemente e consigam melhorar o aprendizado de seus alunos. E, também, para saberem como agir em sala de aula em relação aos alunos já diagnosticados. Segundo a *International Dyslexia Association*³, no e-book *Dyslexia in the Classroom: What Every Teacher Needs to Know*, as escolas podem implementar algumas adaptações dentro das salas de aula para as crianças com dislexia, por exemplo, dar mais tempo para concluírem as tarefas, fazerem anotações e terem as atividades modificadas conforme a necessidade do aluno (2017, p. 8).

É primordial destacar que a dislexia não deve ser encarada como um obstáculo intransponível, mas sim como um desafio que pode ser superado com o apoio adequado. Além disso, cada criança é única e possui sua própria maneira de aprender e enxergar o mundo. Mesmo diante de um diagnóstico de dislexia, o

³ Disponível em: <<https://dyslexiaida.org/>>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

educador deve conhecer a criança o suficiente para elaborar estratégias e metodologias que melhor se adaptem às suas necessidades, proporcionando um ambiente de aprendizagem acolhedor e que a faça sentir-se capaz de alcançar seus objetivos.

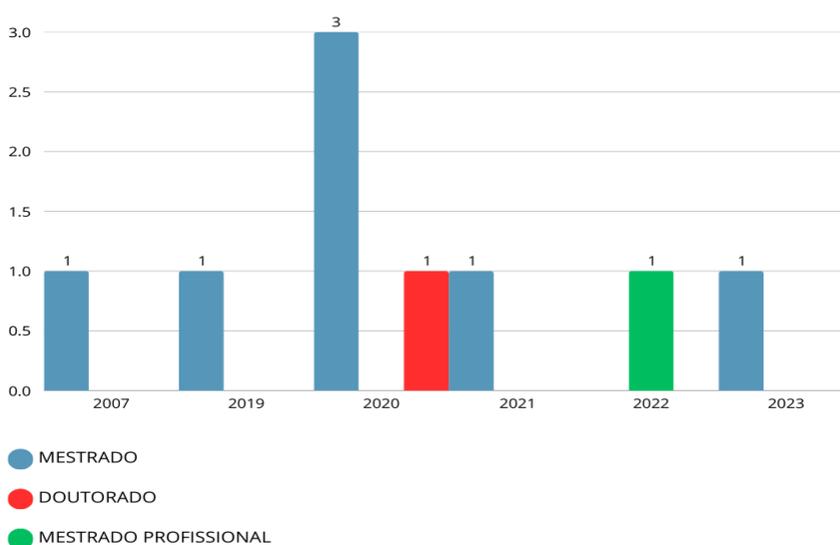
Dessa forma, no próximo item, apresenta-se uma revisão das pesquisas sobre o tema, com foco nos estudos que abordam a relação entre dislexia e alfabetização. O objetivo é oferecer uma visão mais abrangente sobre essas investigações e identificar as lacunas existentes.

1.2 O que as pesquisas apontam sobre a questão da dislexia na alfabetização de crianças?

No que se refere à dislexia na alfabetização de crianças, foram realizadas buscas no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior⁴ (Capes), em março de 2024, considerando as teses e dissertações relevantes para o presente trabalho. No total, foram encontradas 9 pesquisas, utilizando na busca com as seguintes palavras-chave combinadas: “dislexia”, “alfabetização” e “crianças”. As pesquisas encontradas foram realizadas entre os anos de 2007 e 2023.

Foram elaborados dois gráficos que apresentam as pesquisas identificadas, organizadas de acordo com a quantidade por ano, o grau do trabalho e a área de conhecimento. O primeiro gráfico mostra a distribuição dos trabalhos por ano e grau (mestrado, mestrado profissional e doutorado). Nota-se uma lacuna significativa entre os anos de 2007 e 2019, o que evidencia a escassez de estudos sobre o tema nesse período. Embora possam existir outras pesquisas relacionadas, elas não foram consideradas relevantes para os objetivos deste trabalho, pois não correspondem ao nosso foco de investigação.

Gráfico 1. Pesquisas sobre alfabetização de crianças com dislexia, por ano e grau do trabalho

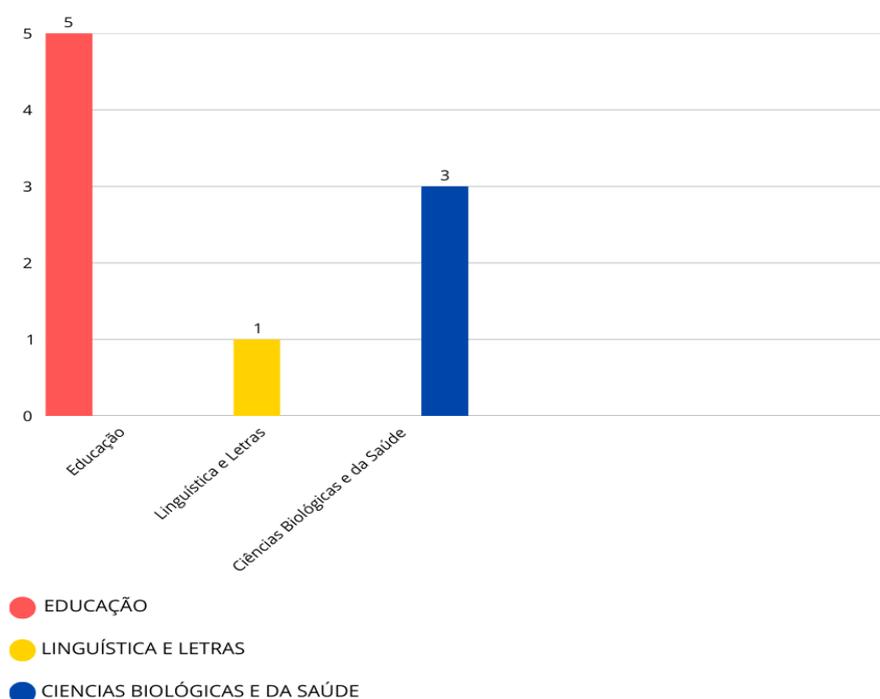


Fonte: elaborado pela autora.

⁴ Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 30 de março de 2024.

O segundo gráfico apresenta a quantidade de pesquisas distribuídas por área, que incluem Educação, Linguística e Letras, e Ciências Biológicas e da Saúde. Observa-se que a maioria dos estudos está concentrada no campo da Educação, abordando temas como práticas de ensino e psicologia da educação. No âmbito das Ciências Biológicas e da Saúde, as pesquisas focam em tópicos específicos, como Distúrbios do Desenvolvimento, Psicobiologia e questões da área médica.

Gráfico 2. Pesquisas sobre alfabetização de crianças com dislexia, por campo de estudo.



Fonte: elaborado pela autora.

A partir de uma análise contextual desses trabalhos, fizemos, a seguir, algumas breves considerações que podem contribuir para o nosso objeto de pesquisa.

No estudo de Katerina Lukasova (2007) a dislexia é abordada como uma dificuldade das habilidades de leitura e escrita, cujas causas estão sendo intensamente investigadas. Entre os fatores que podem contribuir para essa dificuldade estão déficits em habilidades fonológicas, motoras e visuais. Um método utilizado para investigar o processamento de leitura é o registro dos movimentos oculares, que permite medir com precisão aspectos como o número de fixações e o

tempo total que os olhos passam focados em um ponto. Este estudo teve como objetivo avaliar as habilidades fonológicas, motoras e de leitura em crianças com dislexia, comparando-as com crianças consideradas “bons leitores”. Foram avaliadas 10 crianças com dislexia e 10 crianças de um grupo controle, que se assemelhavam ao sexo, idade e nível escolar do grupo de crianças com dislexia. Todas elas submetidas a testes de consciência fonológica, habilidades motoras, e diferentes tipos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças com dislexia tiveram um desempenho inferior nos três domínios investigados: habilidades fonológicas, motoras e de leitura. Especificamente, apresentaram dificuldades em tarefas que exigiam a manipulação de sons e sílabas, em atividades motoras envolvendo o movimento ocular do lado esquerdo e demonstraram maior tempo e número de fixações durante a leitura. Esses achados indicam a presença de déficits fonológicos e motores em crianças com dislexia. No entanto, segundo a autora, são necessários mais estudos para explorar a relação entre esses déficits e sua especificidade para a dislexia.

Seguindo nas pesquisas encontradas, Heloisa Dos Santos Peres Cardoso (2019) reitera que a dislexia é um transtorno de aprendizagem da leitura que requer detecção precoce para intervenção eficaz. Inicialmente, revisa-se a literatura sobre o modelo da dupla rota de leitura⁵ no diagnóstico da dislexia, destacando sua importância na compreensão do transtorno. Em seguida, é apresentado o desenvolvimento e validação de uma escala de rastreio dos sinais da dislexia para professores, demonstrando sua eficácia na detecção precoce do transtorno. Além disso, o estudo investiga o conhecimento dos professores do ensino fundamental sobre a dislexia, revelando lacunas na formação desses profissionais e a necessidade de melhor preparação nos cursos de formação. Os resultados destacam a importância da detecção precoce da dislexia para minimizar os prejuízos na aprendizagem e sugerem a inclusão de temas sobre neurociências nos currículos de formação de professores.

⁵ O modelo da dupla rota explica que, ao se deparar com uma palavra, inicialmente ocorre o reconhecimento dos traços que formam suas letras, seguido da decodificação dessas letras. A partir disso, dois caminhos podem ser seguidos. Na rota fonológica, há a conversão de grafemas em fonemas, possibilitando a pronúncia por meio de regras de correspondência entre grafemas e sons. Já na rota lexical, existem duas variações: a semântica, que permite o acesso ao significado da palavra a partir do reconhecimento no léxico ortográfico, ativando o léxico fonológico para a pronúncia; e a não semântica, que ocorre pelo simples reconhecimento da forma escrita no vocabulário do leitor, sem necessidade de compreensão do significado (Cardoso, 2019, p. 371).

A terceira pesquisa encontrada, de Marília Piazzini Seno (2020), trata de dois estudos. O Estudo 1 visou desenvolver um questionário para identificação precoce de sinais de risco para dislexia em alunos do primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental I. O Estudo 2 buscou verificar a aplicabilidade desse questionário, envolvendo 140 professores de 25 escolas públicas e privadas. A maioria dos alunos apontados como em risco para dislexia eram do sexo masculino e tinham idade entre 6 anos e 7 meses e 6 anos e 11 meses. Diversas categorias do questionário apresentaram resultados variados, com diferenças entre escolas públicas e privadas. Concluiu-se que o questionário pode ser útil em pesquisas, mas novos estudos são necessários para validar o recurso. É ressaltado que não deve ser usado isoladamente para diagnóstico. A pesquisa, por fim, destaca a importância da identificação precoce da dislexia e o papel dos professores nesse processo.

Em consonância com as pesquisas encontradas, Mariana Gobbo Medda (2020), em sua dissertação, teve o objetivo de desenvolver e aplicar um processo diagnóstico para dislexia com base no modelo de resposta à intervenção em crianças do Ensino Fundamental I. Foram analisados o perfil de mudança no desempenho em tarefas de consciência fonológica, memória operacional, acesso lexical, leitura e escrita após 12 sessões de estimulação cognitiva e linguística. A amostra consistiu em 30 participantes de risco para dislexia, submetidos a testes antes e após a intervenção. Houve mudanças significativas em várias funções, com destaque para consciência fonológica e velocidade de leitura. A intervenção focada em habilidades fonológicas e correspondências grafofonêmicas contribuiu positivamente para o grupo.

Em sua dissertação, Patrícia Hofmeister de Almeida (2020) objetivou avaliar o impacto de uma intervenção de estimulação fonoarticulatória (CFA) na consciência fonológica (CF) e no desempenho da leitura em crianças disléxicas. O estudo demonstra que a CF, especialmente a consciência fonêmica, é essencial para o desenvolvimento da alfabetização e tem sido associada ao sucesso na aprendizagem da leitura. O estudo foi realizado com 26 crianças diagnosticadas com dislexia, divididas em três grupos: controle, controle ativo e experimental. As conclusões destacam a importância da CF e da intervenção fonoarticulatória no desenvolvimento da leitura em crianças disléxicas. A autora conclui manifestando que a intervenção fonoarticulatória pode possibilitar maiores ganhos na precisão e

velocidade de leitura, compreensão de texto e habilidades fonológicas em comparação somente à intervenção de consciência fonológica.

A dissertação de Roberta Lindemann (2020) consiste em um estudo que investiga a eficácia de intervenções de leitura em crianças de 4 a 8 anos com dislexia ou em risco, focando nas habilidades de “literacia”⁶ emergente, especialmente em casos de dislexia ou risco. Inicialmente, destacou-se a importância da leitura para o desenvolvimento acadêmico e pessoal, contrastando com o fato de milhões de crianças em todo o mundo não adquirem as habilidades básicas de leitura e matemática, mesmo após anos de ensino regular. Os resultados revelaram que as intervenções de leitura para crianças nessa faixa etária têm um efeito moderado a alto, especialmente dentro das habilidades de consciência fonológica e de leitura. Por fim, a autora, ao analisar os conteúdos das intervenções⁷ (consciência fonológica, alfabetização, pré-alfabetização e habilidades de leitura), relata que não foi identificada uma diferença significativa que indicasse qual conteúdo foi responsável pelo maior ou menor sucesso das intervenções.

O trabalho de Marina Melo Pedroza (2021) consiste em uma revisão sistemática da literatura brasileira sobre a dislexia entre os anos de 2015 e 2020, com foco na aprendizagem da leitura e escrita durante a alfabetização. Na dissertação, foram analisados 24 artigos sobre a aprendizagem de leitura e escrita em crianças com dislexia no processo de alfabetização, categorizados em: (I) artigos empíricos, (II) artigos teóricos, (III) revisões de literatura e (IV) artigos que comparam a dislexia com outros transtornos (Pedroza, 2021). Na conclusão, a autora destaca a importância de estudos que orientem práticas docentes e intervenções específicas para crianças com dislexia, assim como a importância de atividades que desenvolvam habilidades fonológicas desde a educação infantil.

Sidirneide Simões Martins Cardoso Bomfim (2021) já traz a análise de uma metodologia para o processo de alfabetização de crianças com dislexia, o ditado

⁶ A literacia é um termo que advém de uma perspectiva portuguesa e refere-se ao conjunto de habilidades de leitura e escrita (Carneiro, 2017).

⁷ Segundo a autora, as intervenções foram: “algum tipo de conteúdo, jogo ou elemento eletrônico/online 6 26,1% distribuição, criação e leitura de livros 1 4,3% atividades teóricas dirigidas pelos pesquisadores 3 13,0% mudança curricular criação de materiais ou formação para professores 8 34,8% materiais alternativos ou atrativos impressos 2 8,7% mudança didática, elementos lúdicos, jogos educativos 2 8,7% vídeos, leitura ou utilização de livros e atuação do pesquisador (ou terceiros) (Lindemann, 2020, p. 58)

dirigido e contextualizado. A proposta visa desenvolver a consciência fonêmica por meio da leitura de livros paradidáticos e gêneros textuais, utilizando o ditado dirigido em sala de aula. O objetivo é provocar reflexões sobre a representação do sistema de escrita alfabética. O trabalho propõe o uso do ditado dirigido e contextualizado como uma ferramenta para auxiliar os professores no processo de alfabetização. Sugere que, mesmo com os desafios e a escassez de recursos, é necessário que os professores utilizem métodos pedagógicos eficazes para poderem ajudar os alunos a progredirem em seu aprendizado. O estudo conclui que os alunos com dislexia precisam de um acompanhamento mais atento por parte dos docentes, e que a escola deve proporcionar um ambiente que favoreça a interação e o diálogo entre os alunos para construir novos conhecimentos.

A pesquisa de Lorena Carnelossi Araújo (2022) buscou desenvolver um Manual Didático com intervenções para alunos com dificuldades de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As atividades foram apresentadas em um curso *online* para professores de três municípios do Paraná. Após revisão da literatura, constatou-se a escassez de estudos sobre intervenções na área da dislexia. O manual desenvolvido inclui 55 atividades, seguindo uma sequência de atividades embasadas na proposta de Lemle (2009), e fundamentou-se também nos métodos fônico e multissensorial.

Analisando as 9 pesquisas encontradas no Banco de Teses e Dissertações da Capes é possível estabelecer certos pontos em comum. Grande parte dos estudos apresenta uma revisão bibliográfica do tema e identifica algumas necessidades específicas no campo da dislexia e da alfabetização, como a importância de intervenções precoces, métodos pedagógicos efetivos e a formação adequada de professores. Além disso, algumas revisões sugerem o desenvolvimento de ferramentas, procedimentos ou intervenções para auxiliar no diagnóstico, ou no ensino de crianças com dislexia, visando melhorar as habilidades de leitura e escrita.

Outro ponto que vale ressaltar é a forma como certas pesquisas referem-se à dislexia utilizando tanto os termos “transtorno” quanto “dificuldade de aprendizagem”. Conforme abordado anteriormente, há distinções conceituais entre esses dois termos. Neste trabalho, optou-se por adotar o termo “transtorno de aprendizagem” para se referir à dislexia, reconhecendo que a escolha das terminologias varia de acordo com as preferências e abordagens dos autores.

Apesar dos avanços trazidos por essas pesquisas, é perceptível que uma grande parte dos autores também reconhece as limitações dessas pesquisas e enfatizam os desafios enfrentados na área, como a escassez de recursos e a necessidade de mais estudos mais aprofundados sobre a área. Nota-se que as pesquisas não abrangem todas as complexidades da dislexia, e inclusive as maneiras que o professor pode agir em relação a esses alunos. Considerando esses aspectos, o presente trabalho busca oferecer suporte aos professores que necessitam de informações sobre o que é a dislexia e como intervir de maneira eficaz na sala de aula, especialmente durante a fase de alfabetização, aspecto que trataremos doravante.

1.3 Atuação do alfabetizador com crianças com dislexia

Como mencionado anteriormente, a criança com dislexia enfrenta diversas dificuldades tanto no seu percurso escolar quanto na vida adulta. Por isso, é fundamental que o alfabetizador esteja preparado para lidar com alunos diagnosticados com dislexia em sua turma. Além de reconhecer os possíveis sinais e encaminhar o estudante para profissionais especializados, o docente deve saber como intervir adequadamente ao receber os estudantes com dislexia em sala de aula

Inicialmente, é importante que o aluno se sinta acolhido por todos na sala de aula e perceba que é capaz de realizar todas as tarefas propostas. Essa abordagem contribui para lidar com os potenciais problemas de autoestima que possam surgir futuramente, conforme discutido no primeiro tópico dessa seção. Ademais, é essencial que o professor compreenda quais são as melhores estratégias de ensino, como tornar acessível tarefas e provas, e, principalmente, como intervir para alfabetizar esses estudantes de maneira eficaz.

As pesquisas acerca da atuação de professores com alunos disléxicos mostram uma lacuna em relação à disponibilidade de materiais e artigos que se aprofundam no assunto. Alguns trabalhos abordam o tema de maneira superficial, oferecendo poucos detalhes de como o professor pode atuar. A *International Dyslexia Association* (IDA) apresenta recomendações relevantes em seu *ebook*, que será explorado posteriormente. Entretanto, é importante observar que muitos materiais disponíveis na internet seguem uma linha de marketing que promovem

“métodos milagrosos”, pacotes de aulas e cursos intensivos que prometem resultados rápidos e simplificados, tanto para os próprios estudantes com dislexia quanto para seus familiares e professores. Esses pacotes são vendidos como soluções fáceis e na maior parte das vezes ignoram as singularidades e complexidades de cada pessoa.

O presente trabalho ressalta que cada aluno com dislexia apresenta um ritmo e estilo de aprendizagem próprios e responde de maneira diferente às abordagens pedagógicas. Isso quer dizer que não existe um método universal, mas sim, estratégias e ações que o professor pode utilizar como apoio durante a aprendizagem dessa criança, sem desrespeitar seu tempo. A construção de um ensino inclusivo deve, assim, ser responsável por priorizar o desenvolvimento do aluno, sem promessas de resultados instantâneos e de “métodos milagrosos”.

De acordo com Sônia das Dores Rodrigues e Sylvia Maria Ciasca (2016), inicialmente, para auxiliar na alfabetização, o professor pode realizar atividades com as seguintes estratégias: focar seletivamente nos sons, o que envolve a discriminação e a nomeação de diferentes sons, o reconhecimento de sequências sonoras e a identificação de sons ausentes em sequências anteriores. Também é essencial desenvolver a habilidade de localizar diferentes sons, associar um som específico à sua origem, identificar frases sem sentido, aprimorar a percepção auditiva, e melhorar a atenção e a concentração. Além disso, deve-se trabalhar a capacidade de compreender e seguir instruções sequenciais (Rodrigues; Ciasca, 2016, p. 89).

É interessante que o educador utilize as rimas como grandes aliadas, promovendo atividades com músicas, parlendas e poesias rimadas. As abordagens principais incluem desenvolver a atenção e a consciência fonológica, ensinando que qualquer palavra pode rimar, incentivando a criação de rimas. É fundamental também desenvolver a habilidade de segmentar e combinar palavras em sílabas e isso pode ser feito por meio de explicações verbais e atividades lúdicas, como jogos que envolvem movimentos físicos (como bater palmas) e o uso de figuras e objetos reais. O objetivo é ajudar a criança a perceber que as palavras são compostas por unidades menores chamadas sílabas (Rodrigues; Ciasca, 2016, p. 90).

A respeito da consciência fonológica, Artur Gomes de Moraes (2019, p. 62) ressalta que, “a consciência fonológica é um conjunto ou constelação de habilidades metafonológicas”, ou seja, consiste na capacidade de perceber e refletir sobre os

sons que compõem a fala, entendendo que as palavras são formadas por partes que podem ser segmentadas. Com isso, a consciência fonológica é um componente fundamental para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois permite que a criança perceba que as palavras são compostas por sons, que podem ser separados, combinados e manipulados (Morais, 2019).

Conforme Moraes (2019) aponta, entre tantas habilidades, a consciência fonológica envolve a identificação de rimas e aliteração, a segmentação de palavras em sílabas e a capacidade de identificar e manipular fonemas, que são os sons menores que compõem as palavras. Trabalhar a consciência fonológica é importante para auxiliar na alfabetização, pois ajuda as crianças a entenderem a relação entre os sons da fala e as letras que representam esses sons no sistema de escrita. É consensual nas pesquisas sobre dislexia que um trabalho efetivo voltado às habilidades de consciência fonológica pode auxiliar as crianças com esse diagnóstico a se alfabetizarem.

Magda Soares (2020) destaca que existe um processo, composto de níveis de consciência fonológica que permitem que a criança se aproprie do sistema alfabético. Conforme a autora:

O desenvolvimento da consciência fonológica associa-se à aprendizagem das letras. Inicialmente, a criança aprende que a palavra é uma cadeia sonora representada por uma cadeia de letras, e compreende a diferença entre significante e o significado - *consciência lexical*. Em seguida, a criança torna-se capaz de segmentar a cadeia sonora de palavras em sílabas, e representa as sílabas por conjuntos de letras - *consciência silábica*. Finalmente, ela identifica fonemas das sílabas e os representa por letras - *consciência fonêmica* (Soares, 2020, p. 78).

Assim, o professor pode desenvolver a consciência fonológica por meio de estratégias, como os jogos. Um exemplo que merece destaque é a Caixa de jogos do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), distribuída amplamente nas escolas públicas brasileiras no âmbito das ações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Nessa caixa, o jogo “Bingo dos Sons Iniciais” pode ser citado como um grande aliado para o desenvolvimento da consciência fonológica. Ele funciona como um bingo comum, porém com algumas alterações. A professora sorteará uma palavra, lendo-a em voz alta e os jogadores precisam marcar na cartela a figura cuja palavra começa com a mesma sílaba oral. O jogo termina quando alguém completar a

cartela. Esse recurso é importante para explorar o som inicial das palavras, usando a aliteração (Brandão *et al.*, 2020).

Imagem 1. Jogo “Bingo dos sons iniciais” da Caixa CEEL/UFPE



Fonte: acervo fotográfico da autora.

Outro exemplo é o “Caça-rimas”. O jogo tem como objetivo a percepção de que palavras diferentes podem conter partes sonoras semelhantes em suas terminações. Cada jogador recebe uma cartela com 20 figuras e mais fichas (20 no total) que são distribuídas igualmente para cada jogador. Ao sinal de início, é preciso localizar na cartela as figuras cujas palavras rimam com as fichas em suas mãos, colocando cada ficha sobre a figura correspondente. O jogo termina quando alguém formar todos os pares e gritar “parou” (Brandão *et al.*, 2020).

Imagem 2. Jogo “Caça-rimas” da Caixa CEEL/UFPE



Fonte: acervo fotográfico da autora.

Esses recursos são importantes por se aproximarem da realidade do aluno e desenvolver a consciência fonológica com ludicidade e reflexão. Considerando que a dislexia é um transtorno que afeta o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica, é essencial que o professor insira atividades, jogos e brincadeiras que estimulem o seu desenvolvimento. Sendo assim, o alfabetizador pode implementar estratégias que auxiliem o aluno com dislexia a desenvolver a consciência fonológica, fazendo com que reflita sobre as palavras e não passe por um processo de alfabetização mecânico e focado apenas na memorização e repetição. Sobre isso, Moraes e Leite (2005) afirmam:

É preciso não esquecer, por outro lado, que os métodos fônicos e os outros métodos tradicionais transformam o aluno num repetidor/memorizador de lições, que não convive com os textos reais do mundo, o que impede que se aproprie da linguagem que, de fato, se usa ao escrever, ou seja, que “se alfabetize se letrando”, ao mesmo tempo (Moraes, 2005, p. 81).

A partir disso, nota-se a relevância de trazer materiais e atividades que se aproximem do dia a dia do aluno, em que ele mesmo perceba o porquê de estar

aprendendo determinado conteúdo e que não se transforme em um aprendizado chato e distante da realidade.

Além de proporcionar atividades e metodologias que favoreçam a reflexão sobre os sons e estruturas das palavras, é crucial que o educador construa um espaço acolhedor e seguro, em que o aluno se sinta confortável para expressar suas dúvidas, compartilhar o que não entendeu e explicar suas dificuldades.

Frequentemente, as crianças com dislexia enfrentam ansiedade, frustração e insegurança como parte de seu cotidiano, e muitas vezes têm dificuldades para expressar esses sentimentos devido a problemas de linguagem. Por isso, os adultos devem ajudá-las a explicarem o que sentem. O professor precisa valorizar o esforço do aluno, independentemente dos resultados finais, para reforçar o progresso ao invés de focar apenas nas notas. Esse tipo de ambiente proporciona uma comunicação mais clara e fortalece a relação de professor/aluno, essencial para o desenvolvimento acadêmico e emocional do aluno com dislexia.

Ainda sobre a atuação do professor na sala de aula, a *International Dyslexia Association*, sugere algumas estratégias no *ebook Dyslexia In the Classroom: What Every Teacher Needs To Know* (2017) entre elas:

Quadro 1. Estratégias para atuação pedagógicas com estudantes com dislexia

| |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Ajudar os alunos a revisarem o conteúdo e melhorar a compreensão auditiva e a leitura; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar as atividades em pequenas quantidades para evitar sobrecarga; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar novas informações ou conceitos complexos gradualmente e sequenciais para facilitar o entendimento; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer e simplificar as instruções escritas para torná-las mais compreensíveis; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Fornecer informações tanto verbalmente quanto visualmente para melhorar a compreensão; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Implementar dispositivos mnemônicos, para reforçar o uso da memória; permitir tempo adicional para alunos que precisam de mais tempo para concluir suas tarefas escritas; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Manter rotinas diárias, para que os alunos entendam melhor as expectativas e a organização do dia a dia; |

| |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Oferecer oportunidades de prática adicional para a dominação de habilidades e conteúdos; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Usar ferramentas como tablets, leitores eletrônicos, dicionários, programas de conversão de texto para fala e audiolivros; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar dispositivos de gravação para histórias ou lições; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar esquemas, gráficos ou outros organizadores visuais para capturar e organizar informações importantes; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar fontes maiores e aumentar o espaçamento entre linhas para facilitar a leitura; destacar informações essenciais, usando marcadores. |

Fonte: elaborado pela autora a partir da *International Dyslexia Association* (2017).

Mauro Muszkat e Sueli Rizzutti (2017, p. 88-90) sugerem que, dentro da sala de aula, para facilitar o suporte quando o aluno precisar de ajuda, ele deve ficar próximo ao professor. Dessa forma, o professor pode garantir que a criança consiga ler e entender as instruções das atividades. Caso o aluno tenha dificuldades, o professor pode ajudá-lo a ler as orientações corretamente. A expressão verbal precisa ser incentivada pelo educador, bem como é preciso que se mantenha atento ao fato de que esses alunos se cansam mais rapidamente. Por isso, construir um horário visual com símbolos e palavras, pode ajudar a criança a criar segurança em sua rotina diária, já que será mais fácil para que identifique as atividades propostas.

Os autores continuam destacando que é interessante permitir que o estudante apresente trabalhos de forma variada e criativa, como em gráficos, diagramas, vídeos ou áudios, concedendo o tempo necessário para que ele possa ler e reler o material com calma. Outro ponto crucial é evitar compará-lo aos outros alunos e não corrigir todos os erros de forma explícita, preferindo marcar apenas o essencial para evitar constrangimentos. Nas correções, o adequado é evitar o uso de cores que ressaltam os erros, como o vermelho, e apenas incentivar a reformulação quando houver um propósito claro.

Para o desenvolvimento de atividades e leitura, Muszkat e Rizzutti (2017) incentivam que os professores construam com as crianças um marcador de páginas, que pode ser feito com uma cartolina, por exemplo, para auxiliar na leitura, bloqueando as próximas linhas e evitando distrações. Isso ajuda a criança a não se perder durante a leitura. De acordo com os autores citados acima, ao elaborar, aplicar e corrigir avaliações para alunos com dislexia, é recomendado adotar uma

abordagem que ajude na compreensão e expressão das respostas. Isso inclui a leitura das questões com o aluno, garantindo que ele entenda o que está sendo pedido, e proporcionando tempo adequado para a realização da prova. Durante a correção, deve-se valorizar a produção do aluno, levando em consideração que erros ortográficos ou frases incompletas não necessariamente indicam falhas no entendimento dos conceitos. Avaliações orais também podem ser usadas como uma forma complementar ou principal de avaliação. Também é sugerido organizar listas de palavras por temas ou prefixos semelhantes para facilitar o aprendizado do aluno (Muszkat; Rizzutti, 2017, p. 94).

Durante a pesquisa e na busca por materiais com dicas de atuação do professor com estudantes com dislexia, o *Podcast DislexClub*⁸ foi recorrentemente citado. Fundado por Felipe Ponce, mestre em Educação e especialista em técnicas de aprendizagem para disléxicos, o podcast tem como objetivo central oferecer orientação prática e emocional, além de promover conscientização sobre os desafios enfrentados por disléxicos nos âmbitos escolar, social, familiar e psicológico. Ponce utiliza o *DislexClub* para desmistificar a dislexia e compartilhar estratégias de aprendizagem que o ajudaram a superar dificuldades específicas de leitura e escrita. Seu trabalho se estende para questões de direitos e acessibilidade, abordando, por exemplo, as adaptações e direitos garantidos por lei durante exames, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em que os candidatos disléxicos têm direito a recursos específicos como, auxílio para leitura, auxílio para transcrição e tempo adicional.

No episódio “Segredos para os disléxicos terem sucesso nas provas”⁹, lançado em novembro de 2023, Ponce recomenda, principalmente, uma preparação prévia. Essa preparação inclui estudos diariamente e uma rotina disciplinada. Ele recomenda também, que o aluno assista aulas em formato de vídeos, para que facilite sua compreensão na hora do estudo e também que evitem ler textos muito longos. Sobre o papel dos professores, Ponce enfatiza a necessidade de adaptações nas avaliações, respeitando o ritmo de leitura e interpretação dos alunos

⁸ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/2cDpG2fc2t9pK75oOcPi4N>>. Acesso em: 2 de setembro de 2024.

⁹<https://open.spotify.com/episode/1rvYQwvjj14hgk3Amp3bpl?si=X04i_D9DRzylm_WZdpYA>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

disléticos. Além disso, recomenda que os erros ortográficos não sejam penalizados, pois podem prejudicar desnecessariamente o desempenho dos alunos em disciplinas em que a ortografia não é o foco principal. Ponce também orienta que as provas sejam formatadas com fontes maiores e que apresentem textos mais curtos, para reduzir a sobrecarga visual e facilitar a leitura. Os pais também são incluídos no processo, e são incentivados a se envolverem e a solicitarem adaptações adicionais às escolas. Um exemplo é a possibilidade de requerer um leitor para auxiliar o aluno dislético durante a prova.

No episódio “Letras que os Disléticos Mais Trocam¹⁰”, lançado em janeiro de 2024, Ponce aborda a dificuldade dos disléticos em lidar com a complexidade fonética da língua portuguesa, apontando que “a língua brasileira não é muito justa para quem tem dislexia”, devido ao grande número de fonemas similares que confundem os leitores com dislexia. Ele destaca que, embora o método silábico seja amplamente utilizado, ele não atende às necessidades dos disléticos. Em contrapartida, o método fônico é mais eficaz, segundo ele, pois permite que os alunos associem sons a letras e sílabas. No entanto, reconhece que o método fônico, apesar de suas vantagens, não está isento de falhas, especialmente em uma língua com tantas variações. Ele reforça a importância de uma intervenção terapêutica especializada e sugere que os alunos pratiquem a leitura regularmente, tanto com o apoio dos pais quanto dos professores, que podem incentivá-los a ler mais livros e ajudá-los a diminuir a incidência de erros ortográficos.

Este trabalho, ao contrário, não defende o método fônico, pois reconhece que a intervenção em casos de dislexia requer uma abordagem ampla e diversificada. Acredita-se que a dislexia é uma condição complexa, que exige estratégias pedagógicas variadas e adaptadas às necessidades específicas de cada criança, em vez de uma abordagem única ou padronizada. O método fônico, apesar de ser utilizado frequentemente, tem grande foco na decodificação, que pode se sobrepor ao desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação. Ao enfatizar uma leitura mecânica, esse método pode levar crianças a “decifrem” palavras sem, necessariamente, entenderem o que leem. A consciência fonológica, enquanto isso, é responsável por trabalhar no nível da reflexão sobre os sons da fala. Isso a torna

¹⁰<https://open.spotify.com/episode/5CyR9TtKkFF7SsTgIDjeMd?si=FQ_V-yKJS7uDii9MF165A> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

fundamental para qualquer proposta de ensino de leitura e escrita, pois desenvolve a base necessária para a compreensão das correspondências entre sons e letras. Os autores Silvia de Sousa Azevedo Aragão e Artur Gomes de Moraes realizaram uma pesquisa com 20 crianças ensinadas com o método fônico e observaram que nas atividades que envolviam atividades de consciência fonológica, o resultado não era satisfatório. Segundo os autores:

Recordamos que, quando fomos “ao campo”, e localizamos duas professoras que buscavam seguir, cuidadosamente, o método fônico imposto por sua rede de ensino, encontramos, ao final do ano letivo, menos de 70% de seus alunos com uma hipótese alfabética de escrita e, conseqüentemente, sem poder ler e escrever palavras convencionalmente (Aragão; Moraes, 2020, p. 33).

No episódio do podcast intitulado “Como Ensinar Alunos Disléxicos: Dicas Práticas para Professores¹¹”, Felipe Ponce compartilha orientações para promover um ambiente acolhedor e inclusivo para alunos com dislexia. Ele ressalta que é fundamental tratar esses alunos com naturalidade, evitando que sejam vistos como alguém com um “problema”. Ponce destaca a importância de incluir esses alunos à turma, estimulando sua interação com os colegas e criando um ambiente em que se sintam valorizados. Para ajudar na adaptação das avaliações, ele sugere que as perguntas das provas e atividades sejam formuladas de forma direta e clara, reduzindo ambiguidades e facilitando a compreensão. Também observa-se que é importante verificar se o aluno conseguiu copiar corretamente toda a matéria, certificando-se de que ele entendeu os conteúdos trabalhados. Outro ponto enfatizado é a parceria com as famílias: deixar os materiais e orientações disponíveis para os pais permite que eles possam reforçar o aprendizado em casa. Ponce manifesta que é fundamental que o aluno com dislexia se sinta confortável ao utilizar as adaptações oferecidas, de modo que essas ajudas não se tornem motivo de insegurança ou inferioridade, mas, ao contrário, que promovam confiança e autonomia no processo de aprendizagem.

O podcast analisado demonstra uma intenção de contribuir nas relações acadêmicas, profissionais e pessoais de pessoas com dislexia, trazendo sugestões e histórias de vida pertinentes. Contudo, percebe-se também uma ênfase comercial, direcionando os ouvintes a adquirirem métodos e cursos que se apresentam como a

¹¹<<https://open.spotify.com/episode/55siw7KaHylEdggr9mcDV9?si=d7iJAEJmRqubCaOkm7GJiQ>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

solução ideal para lidar com a dislexia, em formato de mentoria individualizada. Essa proposta, ao sugerir uma única abordagem como a “melhor” maneira de ajudar uma criança disléxica, acaba promovendo uma visão limitada do processo de ensino e aprendizagem. O exemplo do podcast foi apresentado para incentivar e demonstrar que, ao buscar conteúdos e materiais sobre a dislexia, os professores precisam realizar uma curadoria crítica e reflexiva.

É notável que muitos docentes, ao receberem uma criança com o diagnóstico de um transtorno de aprendizagem em suas turmas, frequentemente se sentem despreparados para lidar com as necessidades específicas desse aluno. Essa insegurança ocorre, em grande parte, devido à escassez de informações e falta de materiais didáticos adequados. Como consequência, o professor pode enfrentar dificuldades para reconhecer e abordar os sinais da dislexia e, mesmo quando identifica a condição, constantemente carece de referências apropriadas para oferecer o suporte necessário ao aluno no processo de alfabetização.

Essa falta de conhecimento específico sobre a dislexia limita as possibilidades de intervenção e acaba gerando, muitas vezes, um ambiente de frustração para o aluno e para o professor. O professor, sem as ferramentas pedagógicas certas, pode interpretar o desempenho do aluno disléxico como falta de atenção, preguiça ou desinteresse, o que prejudica ainda mais o progresso da criança e seu desenvolvimento emocional. Dessa maneira, pensando em uma maneira de facilitar o trabalho do professor durante a alfabetização de crianças disléxicas, o presente trabalho traz na próxima seção uma proposta de um recurso educacional para ser aplicado nas salas de aulas.

2. JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO AUXÍLIO DA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DISLEXIA

O presente capítulo abordará a importância dos jogos de consciência fonológica no processo de alfabetização, especialmente para crianças com dislexia. A consciência fonológica é essencial para a compreensão do sistema alfabético, facilitando a associação entre fonemas e grafemas. Estratégias lúdicas, como os jogos didáticos, tornam o aprendizado mais dinâmico e acessível, promovendo o desenvolvimento da leitura e escrita de forma eficaz. Além disso, a seção destaca a necessidade de recursos pedagógicos específicos para as crianças que apresentam o diagnóstico de dislexia, apresentando a proposta de um jogo voltado para o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica em um ambiente mais inclusivo e prazeroso.

2.1 Jogos de consciência fonológica na alfabetização de crianças com dislexia

A consciência fonológica, como já abordado, é uma habilidade essencial para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois faz com que o indivíduo reflita sobre a língua. Assim sendo, essa habilidade faz parte de um conjunto mais amplo chamado consciência metalinguística, que envolve a capacidade de analisar, refletir e manipular de forma consciente os elementos da linguagem.

Conforme Morais (2019), as habilidades da consciência metalinguística incluem as competências metatextuais, que se referem à capacidade de escolher e estruturar um gênero textual, levando em consideração o interlocutor e o objetivo da escrita, além de avaliar a coerência e a adequação dos textos lidos. Além disso, abrangem as habilidades metassintáticas, que dizem respeito à correção gramatical e à adequação das orações na escrita e na leitura. Essas habilidades são fundamentais para avaliar se um texto formal está de acordo com as normas gramaticais ou se há a possibilidade de utilizar expressões mais informais, conforme o contexto.

O autor explica que, além disso, existem as habilidades metamorfológicas, que permitem identificar e analisar os morfemas das palavras, compreendendo seu significado e função gramatical. Durante a leitura, essas habilidades ajudam a

deduzir o sentido de termos desconhecidos; na escrita, auxiliam na aplicação correta de regras ortográficas baseadas na formação das palavras. Por fim, as habilidades metafonológicas permitem reconhecer semelhanças sonoras entre palavras, como sons iniciais e rimas, contribuindo para a compreensão das correspondências entre som e escrita. Essas habilidades são conhecidas como consciência fonológica.

Na escolarização, o desenvolvimento dessas habilidades ocorre de forma gradual, sendo presente no processo de alfabetização. A consciência fonológica, em especial, é essencial para que a criança compreenda a correspondência entre fonemas e grafemas, facilitando a fluência leitora. Dessa forma, estratégias pedagógicas que estimulem não apenas a consciência fonológica, mas também suas interações com os demais níveis da consciência metalinguística, são primordiais para garantir uma aprendizagem efetiva da leitura e da escrita.

Praticar uma conduta metalinguística é, portanto, refletir sobre a linguagem. Essa reflexão pode se vincular a diferentes dimensões da língua: seus sons, suas palavras ou partes destas, as formas sintáticas usadas nos textos que construímos, as características e propriedades dos textos orais e escritos (Morais, 2019, p. 41).

No dia a dia, refletimos constantemente sobre a língua, mesmo que de forma automática, como ao associar um objeto ao seu respectivo nome. Para falantes proficientes, esse processo ocorre de maneira inconsciente. No entanto, para crianças que ainda não estão alfabetizadas, essa habilidade de reflexão não se desenvolve de forma tão espontânea, sendo necessário proporcionar experiências que a estimulem, especialmente no ambiente escolar. Uma maneira eficaz de promover esse desenvolvimento é por meio de estratégias lúdicas, como jogos e brincadeiras em sala de aula, que tornam o aprendizado mais dinâmico e envolvente, ao mesmo tempo que ajudam as crianças a se apropriarem da língua escrita.

Morais (2019) destaca a importância de trabalhar sistematicamente as habilidades de consciência fonológica. Entre essas habilidades, estão a segmentação das palavras em sílabas, a contagem do número de sílabas, a comparação entre palavras para identificar qual é a maior, a formulação de palavras mais longas, a percepção da presença de uma palavra dentro de outra, a identificação e produção de palavras que começam com a mesma sílaba e o reconhecimento de palavras que terminam com a mesma sílaba (rimas).

Com essas habilidades, os alunos podem desenvolver a capacidade de perceber padrões sonoros, tornando-se mais aptos a segmentar palavras em unidades menores e a reconhecer semelhanças e diferenças entre os sons, os identificando de maneira mais intuitiva. De acordo com Morais:

Se pensamos no que fazer até o final da educação infantil, entendemos que um ensino que promove a reflexão sobre semelhanças sonoras no nível das sílabas iniciais e das rimas tem se revelado bastante eficaz para ajudar as crianças a avançarem na sua compreensão do SEA, de modo a termos constatado que muitas (cerca de 50%), ao viverem uma experiência escolar desse tipo, concluem a educação infantil com hipóteses silábico-alfabéticas e alfabéticas de escrita (Morais, 2019. p. 137).

Isso significa que promover a reflexão sonora das palavras em relação ao som iniciais, aliteração, se mostra muito eficaz no ensino da alfabetização e trazer essa competência de forma lúdica e prática, como os jogos, é ainda mais eficiente. No caso de alunos com dislexia, usar estratégias que envolvam a habilidade da aliteração se mostra especialmente relevante, pois essas crianças frequentemente apresentam dificuldades na percepção e discriminação de sons semelhantes no início das palavras.

De acordo com o “Manual de Jogos da Caixa CEEL/UFPE” (Brandão *et al.*, 2009), os jogos exercem um papel essencial tanto na expressão e socialização das práticas culturais quanto na inserção dos sujeitos no mundo. Além disso, os jogos e, conseqüentemente, o ato de brincar são responsáveis por introduzir um universo imaginário estruturado por regras específicas que, em grande parte, refletem as normas sociais. Além de estimularem o raciocínio, a atenção, a imaginação e a criatividade, os jogos também introduzem novas linguagens, auxiliando a criança a interpretar a realidade de forma criativa. Ao brincar, elas não apenas assimilam os princípios do sistema alfabético, mas também compartilham e socializam seus conhecimentos com os colegas, tornando o processo de alfabetização mais significativo e envolvente.

No caso da alfabetização de crianças com dislexia, os jogos com ênfase na consciência fonológica são aliados valiosos, pois muitos desses alunos apresentam baixa autoestima devido às dificuldades de aprendizagem e se comparam com os colegas que não enfrentam esses desafios, afetando o seu desempenho por não se acharem suficientes o bastante. Esses jogos os ajudam a perceber que são capazes e que podem aprender de forma simples e prazerosa. Jogos que exploram rimas,

aliterações e influenciam na manipulação de sílabas e fonemas, ajudam a desenvolver as habilidades da consciência fonológica, permitindo que os alunos associem os fonemas e grafemas de maneira mais eficiente.

O aprendizado mediado pelo jogo desperta o interesse e a motivação das crianças, tornando o processo educativo mais prazeroso. Quando os alunos estão engajados e se divertem enquanto aprendem, eles tendem a reter melhor as informações e a desenvolver uma relação mais positiva com o conhecimento. Dessa forma, os jogos não apenas auxiliam na aquisição de conteúdos, mas também contribuem para a formação de indivíduos mais criativos, críticos e colaborativos.

Logo, este trabalho propõe a criação de um jogo didático voltado para crianças disléxicas em fase de alfabetização, com o objetivo de fortalecer essas habilidades essenciais, trabalhando a consciência fonológica por meio de reflexões sobre as sílabas iniciais das palavras. Além de contribuir diretamente para o desenvolvimento das crianças, esse material também se apresenta como um recurso pedagógico valioso para os professores, auxiliando-os no planejamento de estratégias mais inclusivas e eficazes para o ensino da leitura e da escrita.

Vale ressaltar que a aplicação do jogo deve estar inserida em um contexto pedagógico planejado, garantindo que ele não seja utilizado de forma isolada ou apenas como uma atividade lúdica sem propósito educativo. Para isso, o professor precisa estabelecer uma intencionalidade clara, alinhando o jogo aos objetivos de aprendizagem e às necessidades dos alunos. Além disso, é essencial que a atividade faça sentido para as crianças, considerando seus conhecimentos prévios, desafios e contexto, para que aquilo faça sentido e seja um momento de aprendizagem significativo.

Outro ponto pertinente é que ao fazermos a revisão de literatura para este trabalho, observamos que há uma grande escassez de materiais específicos para alunos com dislexia nas escolas, o que dificulta a adoção de abordagens adaptadas às necessidades desse público. Muitas vezes, os professores enfrentam desafios na busca por ferramentas que tornem a alfabetização mais acessível e motivadora para essas crianças. Nesse contexto, a proposta deste jogo busca preencher essa lacuna, oferecendo uma alternativa lúdica e interativa que estimule o aprendizado de forma prazerosa e significativa. Ao mesmo tempo, como discutiremos, esse jogo pode ser aplicado com toda a turma, beneficiando não apenas as crianças com dislexia, mas todos aqueles que estão em fase de alfabetização.

Ao aliar o ensino sistemático do sistema de escrita alfabética com o caráter motivador dos jogos, o material desenvolvido neste estudo pretende não apenas facilitar a aquisição da leitura e da escrita para crianças disléxicas, mas também proporcionar um ambiente mais inclusivo e engajador na sala de aula. Dessa maneira, espera-se que o jogo possa ser um apoio tanto para os estudantes quanto para os educadores, tornando-se um aliado no processo de alfabetização e contribuindo para a democratização do acesso a recursos pedagógicos acessíveis às diferentes necessidades dos alunos.

2.2 Apresentação do jogo didático

Além de abordar a dislexia, seu diagnóstico e as estratégias para atuar em sala de aula, este trabalho tem como propósito desenvolver um recurso educacional que ajude os professores a explorarem novas formas de trabalhar habilidades essenciais no processo de alfabetização de crianças disléxicas.

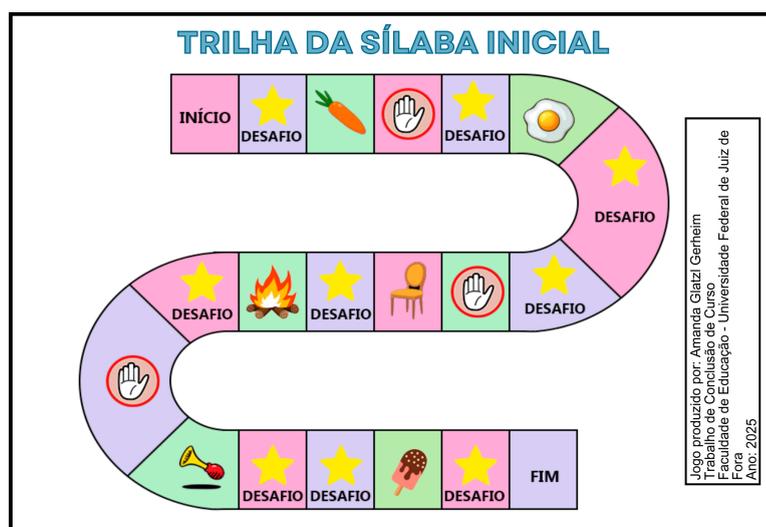
O material produzido é um jogo, pensado para ser um suporte prático e acessível, que torne a aprendizagem mais envolvente e significativa. A proposta é que, além de estimular o desenvolvimento da consciência fonológica, o jogo contribua para que as crianças com dislexia se sintam mais seguras e incluídas no ambiente escolar.

Inicialmente, serão apresentadas as regras do jogo e as etapas de sua aplicação em sala de aula, bem como o processo de confecção do material, enfatizando a necessidade de que ele seja acessível e facilmente replicável pelos professores. O objetivo é que esse recurso possa se tornar um aliado real na prática docente, ajudando os educadores a diversificarem suas estratégias e garantindo que as crianças com dislexia se sintam mais incluídas e capazes de avançar em seu processo de aprendizagem.

O jogo é composto por um tabuleiro, 6 cartas verdes, 6 cartas vermelhas, 20 cartas de desafio, 1 dado, 1 pino verde e 1 pino vermelho, sendo ideal para ser jogado em duplas.

O tabuleiro possui 20 casas, divididas em 6 casas com imagens, 9 casas com os desafios, 3 casas com o símbolo de uma mão e as casas sinalizando o início e fim do jogo.

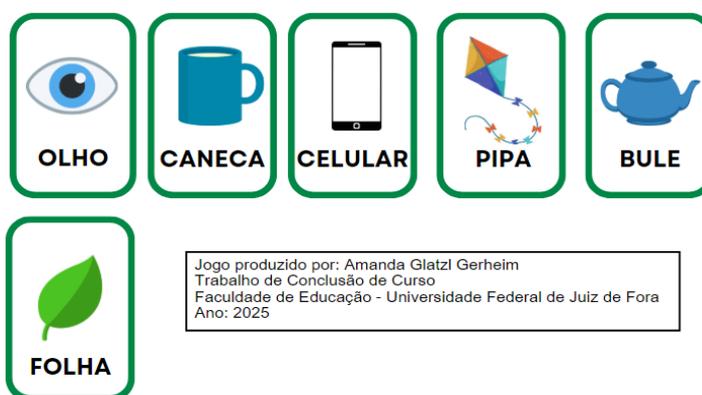
Imagem 3. Tabuleiro do jogo “Trilha da sílaba inicial”



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Antes de iniciar, as cartas do jogo serão distribuídas conforme a cor escolhida por cada jogador: um ficará com as cartas de borda verde, como se observa na imagem a seguir. Essas cartas farão pares com as imagens do tabuleiro.

Imagem 4. Cartas com a borda verde do jogo “Trilha da sílaba inicial”



Fonte: elaborado pela autora (2025).

O outro jogador ficará com as cartas de borda vermelha, que também farão pares com as imagens do tabuleiro, referindo-se à sílaba inicial da palavra.

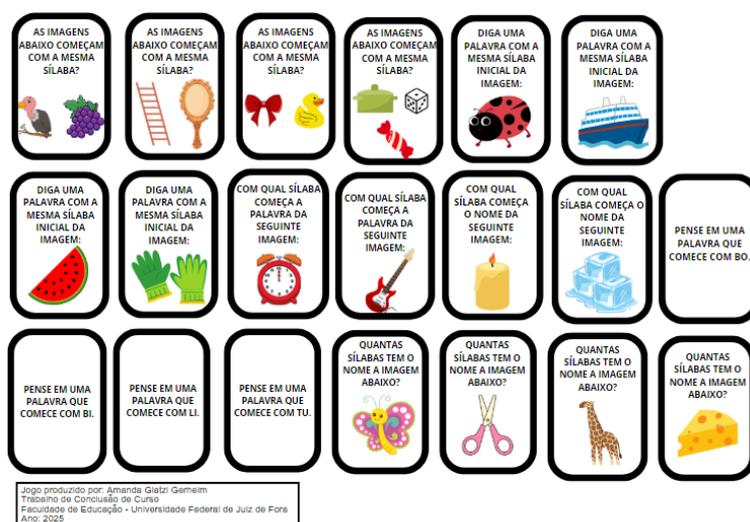
Imagem 5. Cartas com a borda vermelha do jogo “Trilha da sílaba inicial”



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Enquanto as cartas de borda preta, são as que correspondem aos desafios e ficarão em um monte no centro, organizadas aleatoriamente, viradas para baixo, ao alcance dos jogadores.

Imagem 6. Cartas com a borda preta do jogo “Trilha da sílaba inicial”



Fonte: elaborado pela autora (2025).

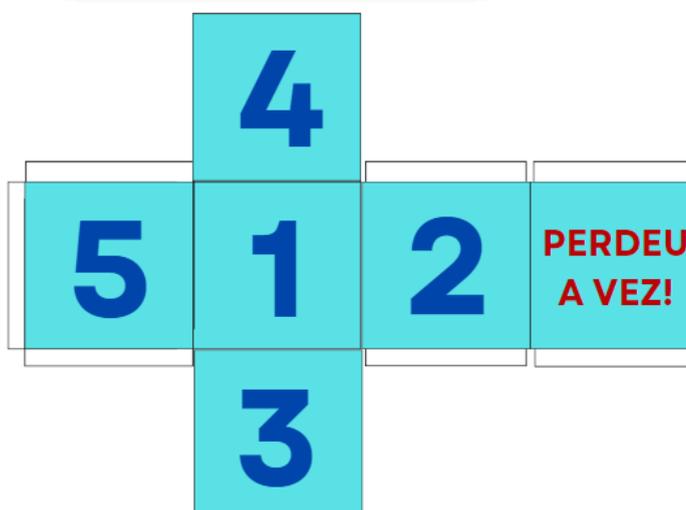
É interessante que as crianças organizem as cartas de borda colorida enfileiradas sobre a mesa, uma do lado da outra, deixando-as à vista, para que consigam analisá-las e compará-las facilmente.

Para começar o jogo, cada jogador deverá lançar o dado, e quem tirar o número maior será o primeiro a jogar. O percurso começa pela casa de “início”, e o

objetivo é ser o primeiro a chegar ao final da trilha, cumprindo todos os desafios ao longo do caminho.

Durante o jogo, cada jogador avançará pelas casas de acordo com o número sorteado no dado em sua vez. Caso o dado caia na face “perdeu a vez”, o jogador ficará sem jogar na rodada seguinte. Vale observar que o dado foi adaptado dessa maneira pois, com seis números possíveis de serem sorteados, a criança poderia cair no número 6, e dessa forma, avançar muitas casas na trilha, fazendo com que o jogo acabasse mais rapidamente. Com apenas 5 números possíveis de serem sorteados, o jogo ficou mais desafiador e com mais reviravoltas.

Imagem 7. Dado adaptado para o jogo “Trilha da sílaba inicial”



Jogo produzido por: Amanda Glatzi Gerheim
Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora
Ano: 2025

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Após lançar o dado, se o jogador parar em uma casa com uma figura, ele deverá observar suas cartas (de borda verde ou vermelha) e identificar qual delas apresenta uma imagem cuja palavra começa com a mesma sílaba da figura mostrada na casa do tabuleiro. Caso erre, deverá voltar para a casa anterior.

Caso o jogador pare em uma casa com o símbolo de uma mão, indica que ele perdeu a chance de avançar e ele também deverá retornar à casa anterior, sem realizar outra ação. Parando na casa de desafio, o jogador deverá retirar uma carta do monte de cartas de borda preta e responder à pergunta apresentada. Se ele errar, deverá retornar para a casa em que estava antes.

Vale ressaltar que pode ser desafiador para algumas crianças voltar à casa em que estavam anteriormente, especialmente se ainda estiverem desenvolvendo noções de contagem ou coordenação. Por isso, o professor deve orientá-las a contarem cuidadosamente as casas percorridas com o dedo, sem mover o pino de posição. Apenas quando cumprir o que foi pedido que poderá mover o pino até a casa correspondente. Dessa forma, o aluno não se perderá se precisar continuar na mesma casa.

Quando o jogador alcançar a última casa da trilha, se tirar um número no dado que ultrapasse a casa “fim”, ele terá que responder a um desafio do monte de cartas de borda preta para vencer o jogo. O jogador que cumprir todos os desafios e chegar ao final do percurso será o vencedor. É fundamental que durante esse processo, o professor esteja atento às regras, que também fazem parte do jogo.

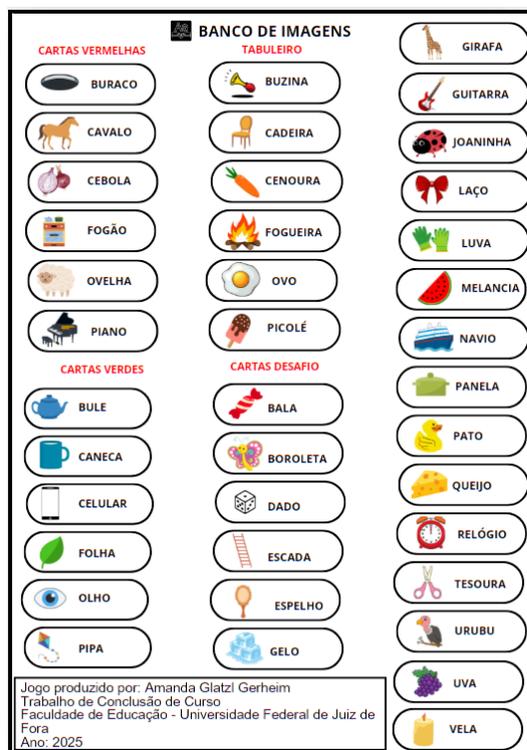
Imagem 8. Regras do jogo “Trilha da sílaba inicial”

| TRILHA DA SÍLABA INICIAL - COMO JOGAR | |
|--|--|
| <p> NÚMERO DE JOGADORES 2</p> <p> OBJETIVO DO JOGO DESENVOLVER A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA A PARTIR DA REFLEXÃO SOBRE AS ALITERAÇÕES.</p> <p> REGRAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • AS CARTAS DO JOGO SERÃO DISTRIBUÍDAS PARA CADA JOGADOR CONFORME A COR ESCOLHIDA (UM FICARÁ COM AS CARTAS DE BORDA VERDE E O OUTRO COM AS CARTAS DE BORDA VERMELHA). • AS CARTAS DESAFIO, CUJA BORDA É PRETA, FICARÃO EM UM MONTE AO ALCANCE DAS CRIANÇAS. • PARA COMEÇAR, OS JOGADORES DEVERÃO JOGAR O DADO, E QUEM OBTIVER O NÚMERO MAIOR INICIA O JOGO. • O JOGO COMEÇA PELA CASA DE INÍCIO, E O JOGADOR QUE CHEGAR PRIMEIRO AO FINAL, APÓS CUMPRIR TODOS OS DESAFIOS, VENCE. • CADA JOGADOR VAI AVANÇAR NA TRILHA DE ACORDO COM OS NÚMEROS SORTEADOS NO DADO A CADA JOGADA. SE O DADO CAIR EM “PERDEU A VEZ”, O JOGADOR FICARÁ UMA RODADA SEM JOGAR. • SE O JOGADOR PARAR EM UMA CASA QUE TENHA UMA FIGURA, DEVERÁ IDENTIFICAR EM SUAS CARTAS (AS DE BORDA VERDE OU VERMELHA) QUAL DELAS CONTÉM UMA IMAGEM QUE COMEÇA COM A MESMA SÍLABA DA IMAGEM DO TABULEIRO. CASO ELE ERRE, DEVERÁ VOLTAR PARA A CASA EM QUE ESTAVA ANTES. • CASO PARE EM UMA CASA COM O SÍMBOLO DE UMA MÃO, O JOGADOR DEVERÁ VOLTAR PARA A CASA EM QUE ESTAVA ANTERIORMENTE. • SE PARAR EM UM DESAFIO, DEVERÁ TIRAR UMA CARTA DO MONTE E RESPONDER À PERGUNTA. CASO ELE ERRE, DEVERÁ VOLTAR PARA A CASA EM QUE ESTAVA ANTES. • AO FINAL DA TRILHA, SE O JOGADOR TIRAR UM NÚMERO QUE ULTRAPASSE A CASA “FIM”, DEVERÁ RESPONDER A UM DESAFIO PARA VENCER O JOGO. | <p> MATERIAIS 1 TABULEIRO, 6 CARTAS VERDES, 6 CARTAS VERMELHAS, 20 CARTAS DESAFIO, 1 DADO E 2 PINOS.</p> |
| <p>Jogo produzido por: Amanda Glatzi Gerheim Trabalho de Conclusão de Curso Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora Ano: 2025</p> | |

Fonte: elaborado pela autora (2025).

A proposta desse jogo requer que o docente seja o mediador de todo o processo, observando as ações das crianças e lendo as cartas com os desafios para os jogadores. Isso faz com que o professor acompanhe todo percurso de perto e esteja em posição de identificar as possíveis dificuldades ou necessidades de adaptação, realizando, se necessário, ajustes que tornem a dinâmica mais fluida e acessível para todos os participantes. Caso haja alguma dúvida em relação às correspondências das imagens e palavras, o jogo conta também com um banco de imagens.

Imagem 9. Banco de imagens do jogo “Trilha da sílaba inicial”



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Um dos objetivos específicos do jogo é que o aluno consiga identificar e isolar a sílaba inicial do nome da imagem apresentada na trilha, comparando-a com os nomes das imagens de suas cartas (com borda verde ou vermelha) para encontrar o par correspondente. Pensando nisso, as cartas de borda preta, com os desafios, foram pensadas para trabalhar com algumas habilidades, sendo a primeira delas, a capacidade de identificar e comparar as sílabas iniciais das palavras. A segunda, consiste em isolar a sílaba inicial de uma palavra e dizê-la. A terceira, exige que o aluno consiga isolar a sílaba inicial de uma palavra e dizer outra palavra com a mesma sílaba. A quarta, condiz com a capacidade de dizer uma palavra com uma sílaba inicial pré-determinada. E, por último, a habilidade de segmentar e enumerar as sílabas orais de cada palavra.

Assim, considerando as cinco habilidades que o jogo pretende desenvolver, as 20 cartas com desafios foram distribuídas equitativamente, com quatro cartas para cada habilidade. Essa divisão assegura que todas as habilidades sejam

trabalhadas de forma equilibrada, proporcionando ao aluno a oportunidade de praticar cada uma delas ao longo do jogo.

Conforme mencionado na introdução, o jogo pode ser acessado por meio do QR Code disponibilizado a seguir:

Imagem 10. QR code



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Outro ponto importante é que, inicialmente, este trabalho tinha como objetivo incluir a aplicação do jogo em uma sala de aula, possibilitando uma análise mais aprofundada sobre sua eficácia na prática. A intenção era observar diretamente como o recurso poderia auxiliar no processo de alfabetização de crianças com dislexia, registrando os desafios e as vantagens de sua utilização no ambiente escolar.

No entanto, por se tratar de um transtorno de aprendizagem, qualquer pesquisa que envolva a participação direta de crianças exige a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, garantindo a preservação de seus direitos, bem-estar e privacidade. Como não obtivemos essa permissão dentro do prazo necessário para a realização do estudo — considerando que esse processo costuma ser demorado —, a aplicação prática do jogo não pôde ser realizada neste momento.

Contudo, o trabalho se concretizou em pesquisas teóricas de grande valor, trazendo uma base sólida para a compreensão da dislexia e das estratégias pedagógicas que podem ser adotadas no processo de alfabetização. Ainda que a aplicação prática não tenha sido possível, o estudo oferece contribuições

significativas, auxiliando os professores a adquirirem mais informações sobre a dislexia e desenvolverem novos materiais didáticos mais inclusivos. Dessa forma, o material criado não apenas expande o conhecimento sobre o tema, mas também serve como um suporte para os educadores que buscam aprimorar suas práticas e tornar a aprendizagem mais acessível para todas as crianças.

Reiteramos que o jogo foi desenvolvido com o propósito de ser um recurso acessível aos professores, permitindo sua aplicação em diferentes contextos escolares e contribuindo para uma educação mais inclusiva e democrática. Muitas vezes, o uso exclusivo de atividades impressas e do livro didático pode tornar o ensino monótono, resultando na perda de interesse por parte dos alunos. Mas, como citado anteriormente, é necessário que o professor tenha uma intencionalidade em relação ao jogo que propõe, segundo Celso Antunes:

Em geral, o elemento que separa um jogo pedagógico de um outro de caráter apenas lúdico é que os jogos ou brinquedos pedagógicos são desenvolvidos com a intenção explícita de provocar uma aprendizagem significativa, estimular a construção de um novo conhecimento e, principalmente, despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória (Antunes, 2014, p. 39).

Antunes (2014) define habilidade operatória como uma capacidade cognitiva e apreciativa específica, ou seja, uma aptidão que permite ao indivíduo compreender e interagir com o mundo ao seu redor. Essas habilidades não se limitam apenas ao conhecimento teórico, mas envolvem a capacidade de interpretar e intervir em fenômenos sociais e culturais. Além disso, elas ajudam na construção de relação entre diferentes informações, favorecendo um aprendizado mais integrado e significativo.

Na prática, isso significa que desenvolver uma habilidade operatória vai além de simplesmente memorizar conteúdos, trata-se de aprimorar a capacidade de análise, reflexão e aplicação do conhecimento em diferentes contextos.

Para que esse desenvolvimento ocorra de forma efetiva, é essencial que o professor utilize estratégias diversificadas e materiais adequados às necessidades específicas dos alunos com dislexia. Além de oferecer recursos acessíveis, é importante incluir momentos de brincadeiras orientadas, pois a ludicidade pode facilitar a aprendizagem e promover maior engajamento. Seu papel vai além da mediação do conhecimento, exigindo sensibilidade e conhecimento sobre a dislexia para intervir de maneira eficaz, de acordo com o contexto do aluno.

Outro ponto a se destacar é que o presente trabalho apresenta o jogo como uma sugestão pedagógica e um suporte para professores que, muitas vezes, não possuem informações suficientes sobre a dislexia e enfrentam desafios ao buscar estratégias para aprimorar a aprendizagem de alunos com esse diagnóstico. O jogo, portanto, surge como um recurso flexível, possibilitando que os educadores adaptem sua aplicação conforme as necessidades específicas de cada criança.

Ademais, é fundamental compreender que cada aluno disléxico apresenta dificuldades em diferentes níveis, tornando indispensável que o docente faça ajustes no jogo para atender melhor às particularidades de sua turma. Essas adaptações podem envolver mudanças na quantidade de cartas, simplificação ou ampliação das regras e até mesmo a inserção de novos elementos que potencializem a participação e o engajamento dos estudantes.

Dessa forma, o jogo não se apresenta como uma solução única, mas como uma ferramenta que pode ser moldada e integrada ao contexto escolar de maneira personalizada. Com essa abordagem, pretende-se que o professor se sinta mais confiante para agir de maneira eficaz, criando um ambiente de aprendizagem que, ao mesmo tempo, favoreça a inclusão e mantenha os alunos com dislexia engajados no processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar quais estratégias pedagógicas são indicadas na alfabetização de crianças com dislexia, sugerindo a confecção de um jogo didático para contribuir nesse processo. Para alcançar esse intento, foram analisadas pesquisas que destacam a importância da organização no ambiente escolar para garantir o aprendizado e o bem-estar desses estudantes, além da relevância dos jogos de consciência fonológica durante a alfabetização.

Os resultados indicam que o professor deve assegurar que a criança com dislexia se sinta acolhida e incluída na sala de aula, promovendo adaptações em sua rotina. Entre essas estratégias, destacam-se o uso de textos curtos, a utilização de fontes e espaçamento entre linhas maiores em atividades e avaliações, a ampliação do tempo para a realização das tarefas e evitar deixar o aluno em situações possivelmente constrangedoras, como a leitura em público. Esses ajustes

garantem que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma mais eficiente e confortável para o estudante, respeitando suas particularidades.

É fundamental ressaltar que os ajustes devem ser feitos conforme as necessidades do aluno e da turma, sendo este estudo uma sugestão de caminhos possíveis para tornar o ensino mais inclusivo e didático. Dessa forma, não se trata de um modelo rígido, mas sim de um ponto de partida para professores que desejam aprimorar sua prática pedagógica com alunos diagnosticados com dislexia.

No que se refere à importância dos jogos no processo de alfabetização, as pesquisas analisadas apontam que os jogos de consciência fonológica são ferramentas essenciais para a aprendizagem de crianças em fase de alfabetização, especialmente aquelas com dislexia. A utilização de jogos que trabalham com rimas e aliterações, por exemplo, permite que o aluno compreenda e reflita sobre a estrutura sonora das palavras, tornando o aprendizado mais significativo e menos mecânico. Diferente de metodologias tradicionais, que muitas vezes enfatizam a memorização e a repetição automática, os jogos promovem um ensino mais dinâmico e interativo.

A necessidade do jogo desenvolvido neste trabalho surge da lacuna existente na oferta de recursos pedagógicos acessíveis e eficazes para o ensino de crianças com dificuldades na aquisição da leitura e da escrita. O jogo proposto baseia-se na reflexão sobre as aliterações, um dos aspectos da consciência fonológica, e visa estimular a percepção sonora das palavras de maneira lúdica. Além de auxiliar no desenvolvimento da leitura e da escrita, o jogo proporciona um ambiente mais agradável e menos exaustivo para a criança, reduzindo o estresse e a frustração que podem surgir no processo de alfabetização.

A implementação desse recurso no planejamento pedagógico pode ocorrer de diversas formas. O professor pode utilizá-lo como uma atividade complementar nas aulas de alfabetização, inseri-lo em momentos de reforço escolar ou aplicá-lo como um desafio interativo para toda a turma. A flexibilidade do jogo permite sua adequação conforme a realidade e as necessidades de cada sala de aula, tornando-se uma ferramenta acessível para diferentes contextos escolares.

Além do aspecto didático, a inclusão de jogos na alfabetização também possui um viés político e democrático. O acesso a uma educação de qualidade é um direito de todas as crianças, e isso implica oferecer metodologias que respeitem as diversidades cognitivas e sociais dos estudantes. Ao propor esse tipo de recurso, os

professores estão contribuindo para um ensino mais equitativo e inclusivo, enfrentando os desafios da falta de acessibilidade e lutando por uma educação para todos.

Nesse sentido, pensar em práticas pedagógicas inclusivas também significa compreender a importância do papel do professor na construção de uma educação de qualidade. Ao investir em estratégias diferenciadas, os futuros professores estarão construindo um pensamento crítico e reflexivo nos alunos, garantindo que todos tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

Como futura educadora, entendo a importância desse trabalho no sentido pedagógico, e tenho como objetivo colaborar nas estratégias de ensino dos docentes, principalmente das redes públicas. Dessa forma, reconheço a relevância desse trabalho no contexto pedagógico, especialmente no que diz respeito ao impacto que ele pode gerar no desenvolvimento integral dos alunos. Acredito que a educação deve ser inclusiva, acessível e transformadora, e é com esse propósito que busco, por meio da construção desse recurso didático, contribuir para a construção de um ambiente de aprendizagem mais eficaz, que considere as diversidades e as particularidades de cada aluno. Meu objetivo é apoiar e potencializar o trabalho dos professores, oferecendo suporte para que eles possam, de maneira mais assertiva, alcançar os seus objetivos educacionais e promover o desenvolvimento pleno das crianças.

Assim, este trabalho buscou não apenas apresentar um recurso didático, mas também provocar reflexões sobre a importância da inclusão educacional e da acessibilidade de práticas pedagógicas para atender às diversas necessidades dos estudantes. Espera-se que essa pesquisa possa servir como um incentivo para que mais professores explorem metodologias inovadoras, tornando o processo de alfabetização mais acessível, motivador e eficaz para todas as crianças.

REFERÊNCIAS

ABD. **Associação Brasileira de Dislexia**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>. Acesso em: 20 de março de 2024.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. São Paulo: Vozes, 1999.

ARAGÃO, Sílvia de Sousa Azevedo; MORAIS, Artur Gomes de. Como crianças alfabetizadas com o método fônico resolvem tarefas que avaliam a consciência fonêmica? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, 2020.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves *et al.* **Jogos de alfabetização: manual didático e 10 jogos para você levar para a sala de aula!** Recife: Ministério da Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Estudos em Educação e Linguagem, 2009.

BRASIL. Lei N°, de 14.254, de 30 de novembro de 2021. **Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem**. Brasília, DF: Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2021.

CANCIAN, Queli Ghilardi. Diferenças Entre Dificuldades De Aprendizagem E Transtornos De Aprendizagem. In: **2º Congresso Internacional de Educação**. 7º Congresso de Educação da FAG. 13 a 17 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/novo/pg/congressoeducacao/arquivos/2019/DIFERENCAS-ENTRE-DIFICULDADES-DE-APRENDIZAGEM-E-TRANSTORNOS-DE-APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2024.

DISLEXCLUB. **DislexClub – Podcast sobre Dislexia**, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2cDpG2fc2t9pK75oOcPi4N>. Acesso em: 02 de setembro de 2024.

ESTILL, Clélia Argolo *et al.* Dislexia em Sala de Aula: o Papel Fundamental do Professor. In: SINPRO-RIO. **Revista Sinpro: Dificuldades de Aprendizagem - compreender para melhor educar**. Rio de Janeiro, 2003, p. 62-77.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GAMA, Maria Gabriela Valente Pinto da. **As dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita/dislexia – que caminhos a seguir pelos professores do Ensino Básico?** 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação – Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo-Motor) – Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2013. Acesso em: 20 de março de 2024.

INSTITUTO ABCD. Disponível em: <https://institutoabcd.org.br/>. Acesso em: 20 de março de 2024.

INTERNATIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION. **Dyslexia in the Classroom: What Every Teacher Needs to Know** - International Dyslexia Association. Disponível em: <https://dyslexiaida.org/>. Acesso em: 09 de setembro de 2024.

MALAGUIAS, Celeste Maria Bezerra; MUNIZ, Livia de Oliveira Brito; CASTRO, Mirian Sant Ana Mecias de; PEREIRA, Edinéia Maria de Melo. Dislexia: o que os educadores precisam saber? In: REZENDE, Cyntia de Souza Bastos (org.). **Conversa com quem pesquisa e ensina: múltiplos fazeres na profissão de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, p. 221-238.

MOOJEN, Sônia Maria Pallaoro; BASSÔA, Ana; GONÇALVES, Hosana Alves. Características da dislexia de desenvolvimento e sua manifestação na idade adulta. In: REVISTA PSICOPEDAGOGIA, 33ª edição, 2016. **Revista Psicopedagogia**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2016. p. 50-59.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MORAIS, Artur Gomes de; LEITE, Tânia Maria Rios. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? In: In: MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOUSINHO, Renata. Problemas na leitura e na escrita e dislexia. In: O DESAFIO DE EDUCAR: LIDANDO COM OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM E DE COMPORTAMENTO. **Revista Sinpro-Rio**. Rio de Janeiro: Sinpro-Rio, 2010. p. 7-17.

MUSZKAT, Mauro; RIZZUTTI, Sueli. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Cortez, 2017.

NUNES, Maria de Lurdes Gonçalves de Carvalho. **Dislexia e suas consequências emocionais**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor) – Instituto Superior de Ciências da Educativa, Seixal, 2016. Acesso em: 20 de março de 2024.

PEDROZA, Marina Melo. **Dislexia, leitura e escrita: uma revisão dos artigos publicados no Brasil entre os anos de 2015 e 2020**. 2021. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Acesso em: 20 de março de 2024.

PINHEIRO, Ângela Maria Vieira; LÚCIO, Patrícia Silva; SILVA, Daniel Márcio Rodrigues. Avaliação cognitiva de leitura: o efeito de regularidade grafema-fonema e fonema-grafema na leitura em voz alta de palavras isoladas no português do Brasil. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, 2008, v. 10, n. 2, p. 16-30, 2008.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016.

SANTOS, Elisiana Pain dos. **Formação de professores a distância (EAD) e o transtorno específico da aprendizagem com prejuízo na leitura, a dislexia.** 2020. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Concepções Multidisciplinares de Leitura) – Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Xanxerê, 2020. Acesso em: 10 de abril de 2024

SEABRA, Magno Alexon Bezerra. **Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais.** Curitiba, PR: Bagai, 2020.

SENO, Marília Piazzzi. **Elaboração e aplicação de um questionário para identificação precoce dos sinais de risco para a dislexia.** 2020. 242 f. Tese (Doutorado em Educação – Área de Concentração: Psicologia da Educação: Processos Educativos e Desenvolvimento Humano) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita– UNESP, Campus de Marília, Marília, 2020. Acesso em: 20 de março de 2024.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

APÊNDICE: JOGO PARA IMPRESSÃO

O presente apêndice apresenta o material didático desenvolvido neste trabalho. Trata-se de um jogo para auxiliar na alfabetização de crianças com dislexia, baseado na consciência fonológica. O material está disponível para impressão e pode ser utilizado por professores em sala de aula, sendo livre a adaptação se necessário

| | | |
|--|--------------------------|--|
|  <p>NÚMERO DE JOGADORES</p> <p>2</p> | <p>COMO JOGAR</p> |  <p>MATERIAIS</p> <p>UM TABULEIRO, 6 CARTAS VERDES, 6 CARTAS VERMELHAS, 20 CARTAS DESAFIO, UM DADO E DOIS PINOS.</p> |
|  <p>OBJETIVO DO JOGO</p> <p>DESENVOLVER A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA A PARTIR DA REFLEXÃO SOBRE ALITERAÇÕES.</p> | |  <p>REGRAS</p> |
| <p>Jogo produzido por: Amanda Glatzi Gerheim Trabalho de Conclusão de Curso Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora Ano: 2025</p> | | |



BANCO DE IMAGENS

CARTAS VERMELHAS



BURACO



CAVALO



CEBOLA



FOGÃO



OVELHA



PIANO

CARTAS VERDES



BULE



CANECA



CELULAR



FOLHA



OLHO



PIPA

TABULEIRO



BUZINA



CADEIRA



CENOURA



FOGUEIRA



OVO



PICOLÉ



BALA



BOROLETA



DADO



ESCADA



ESPELHO



GELO



GIRAFÁ



GUITARRA



JOANINHA



LAÇO



LUVA



MELANCIA



NAVIO



PANELA



PATO



QUEIJO



RELÓGIO



TESOURA



URUBU



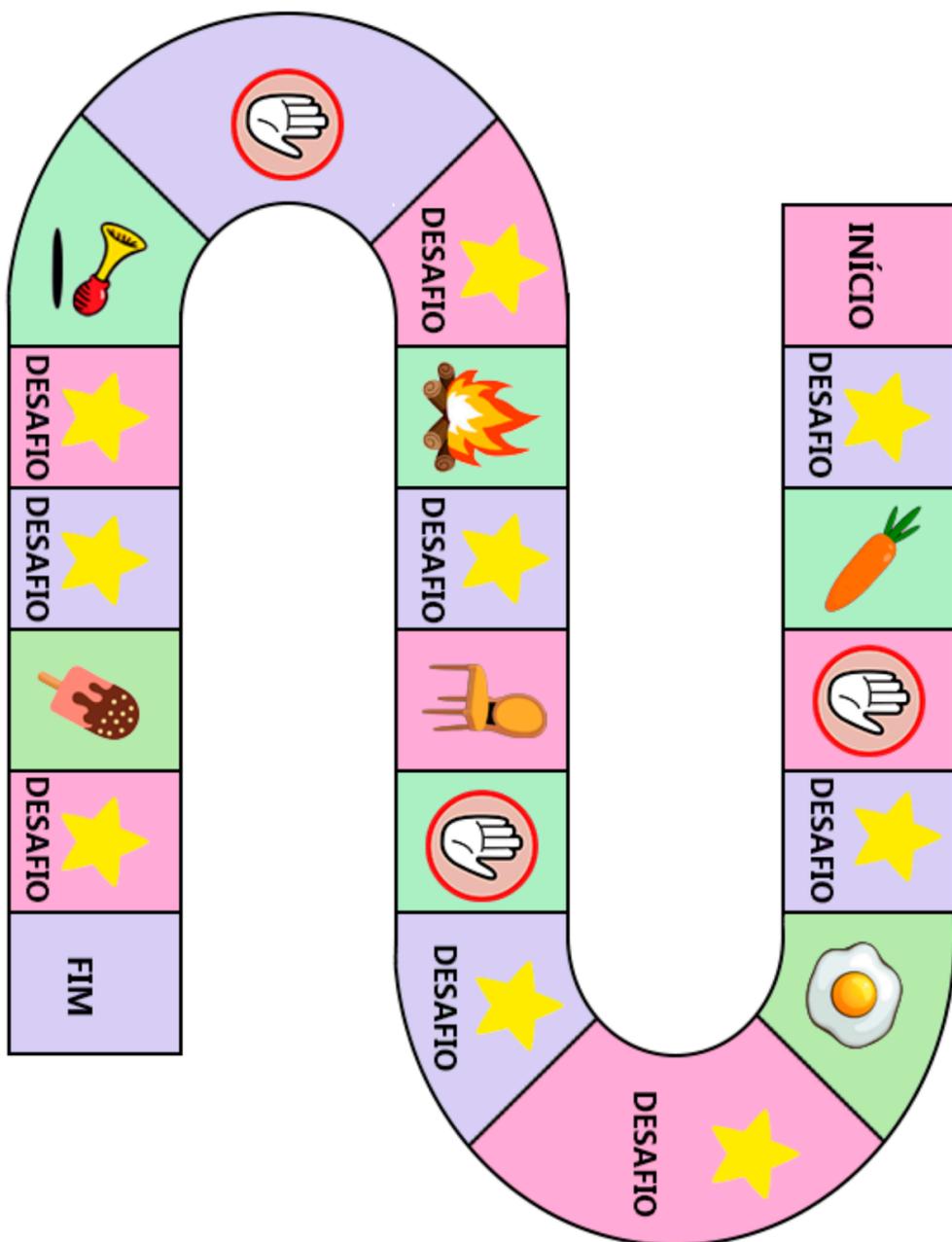
UVA



VELA

Jogo produzido por: Amanda Glatzi Gerheim
 Trabalho de Conclusão de Curso
 Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de
 Fora
 Ano: 2025

TRILHA DA SÍLABA INICIAL



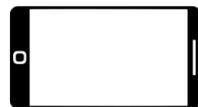
Jogo produzido por: Amanda Glatz Gerheim
 Trabalho de Conclusão de Curso
 Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora
 Ano: 2025



OLHO



CANECA



CELULAR



PIPA



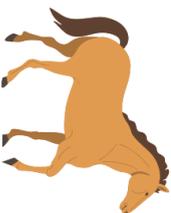
BULE



FOLHA



OVELHA



CAVALO

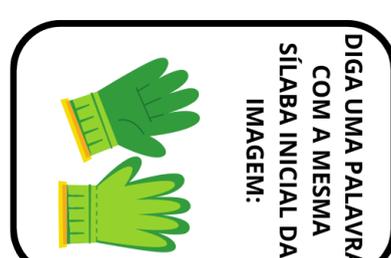
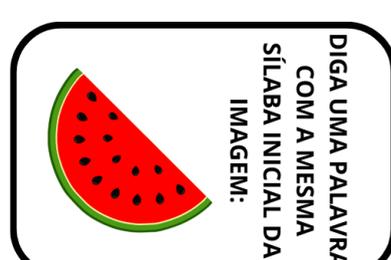
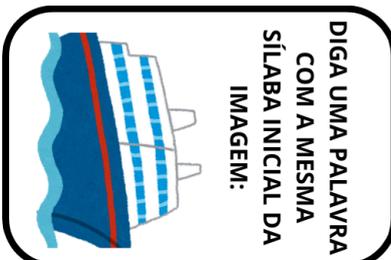
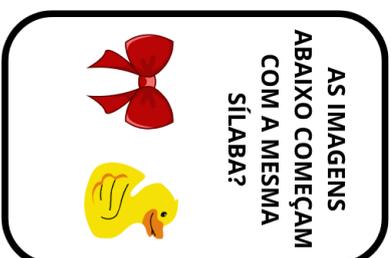
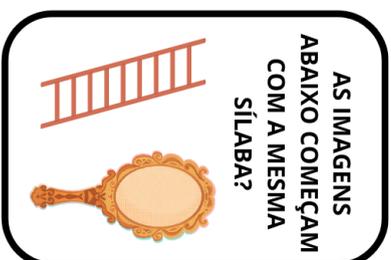
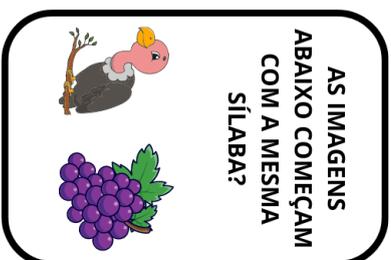
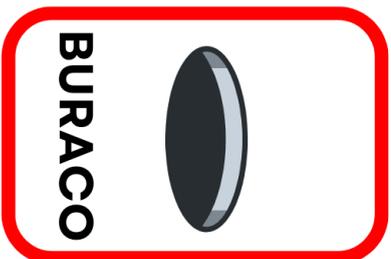
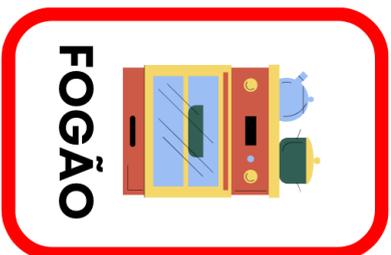


CEBOLA



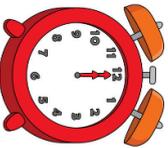
PIANO

Jogo produzido por: Amanda Glatzi Gerheim
Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora
Ano: 2025



Jogo produzido por: Amanda Glatzi Gerheim
Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora
Ano: 2025

COM QUAL SÍLABA
COMEÇA A
PALAVRA DA
SEGUINTE IMAGEM:



COM QUAL SÍLABA
COMEÇA A
PALAVRA DA
SEGUINTE IMAGEM:



COM QUAL SÍLABA
COMEÇA O NOME
DA SEGUINTE
IMAGEM:



COM QUAL SÍLABA
COMEÇA O NOME
DA SEGUINTE
IMAGEM:



PENSE EM UMA
PALAVRA QUE
COMECE COM BI.

PENSE EM UMA
PALAVRA QUE
COMECE COM BO.

PENSE EM UMA
PALAVRA QUE
COMECE COM LI.

PENSE EM UMA
PALAVRA QUE
COMECE COM TU.

QUANTAS SÍLABAS
TEM O NOME A
IMAGEM ABAIXO?



QUANTAS SÍLABAS
TEM O NOME A
IMAGEM ABAIXO?

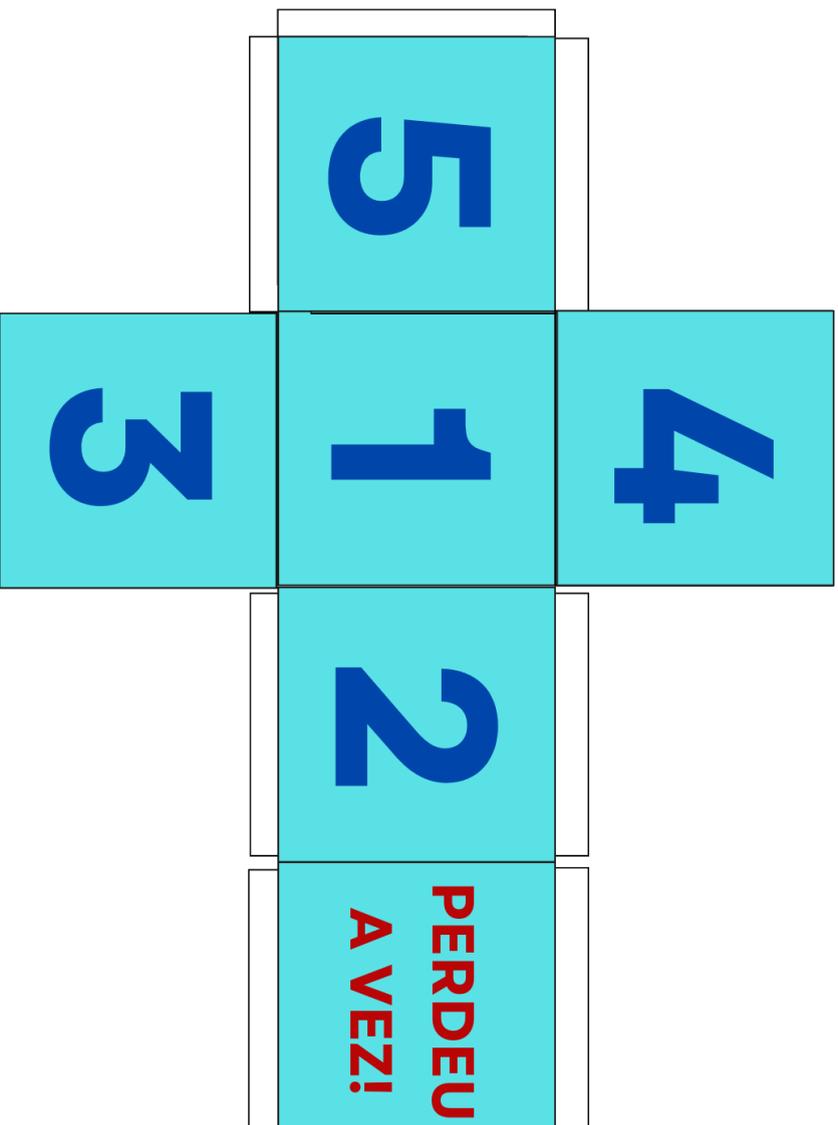


Jogo produzido por: Amanda Glatzi Gerheim
Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora
Ano: 2025

QUANTAS SÍLABAS
TEM O NOME A
IMAGEM ABAIXO?



QUANTAS SÍLABAS
TEM O NOME A
IMAGEM ABAIXO?



Jogo produzido por: Amanda Glatzi Gerheim
Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora
Ano: 2025